

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE DESENHO INDUSTRIAL
CURSO DE TECNOLOGIA EM DESIGN GRÁFICO**

KAMILLA DA SILVA MANEIA

CARTILHA ILUSTRADA SOBRE FEMINISMO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CURITIBA

2017

KAMILLA DA SILVA MANEIA

CARTILHA ILUSTRADA SOBRE FEMINISMO

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação, apresentado ao Curso Superior de Tecnologia em Design Gráfico do Departamento Acadêmico de Desenho Industrial – DADIN – da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, como requisito parcial para obtenção do título de Tecnólogo.

Orientadora: Prof^a.Msc. Waleska Chagas Sieczkowski Pacheco

Co-orientadora: Prof^a Esp. Marina Moraes de Araújo

CURITIBA

2017

TERMO DE APROVAÇÃO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO 047

CARTILHA ILUSTRADA SOBRE FEMINISMO

por

Kamilla da Silva Maneia – 1386468

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no dia 30 de novembro de 2017 como requisito parcial para a obtenção do título de TECNÓLOGO EM DESIGN GRÁFICO, do Curso Superior de Tecnologia em Design Gráfico, do Departamento Acadêmico de Desenho Industrial, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. A aluna foi arguida pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo, que após deliberação, consideraram o trabalho aprovado.

Banca Examinadora: Profa. Marina Moraes de Araújo (Esp.)
Avaliadora
DADIN – UTFPR

Prof. Ed Marcos Sarro (Dr.)
Convidado
DADIN – UTFPR

Profa. Waleska Chagas Sieczkowski Pacheco (MSc.)
Orientadora
DADIN – UTFPR

Prof. André de Souza Lucca (Dr.)
Professor Responsável pelo TCC
DADIN – UTFPR

“A Folha de Aprovação assinada encontra-se na Coordenação do Curso”.

RESUMO

MANEIA, Kamilla da Silva. **Cartilha Ilustrada sobre Feminismo**. 2017. Monografia: Tecnologia em Design Gráfico – Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2017.

Este trabalho apresenta o processo de construção de um projeto gráfico com tema base sendo o feminismo. Sendo necessária uma pesquisa sobre a construção e fundamentação do feminismo. Foi feita uma análise de história sobre os quadrinhos com a autora Luyten (1984) e sobre construção e estruturação das histórias em quadrinhos baseada nos autores McCloud (2005) e Eisner (2015), e o desenvolvimento do projeto, também, foi baseado nesses autores. Após realizado uma análise de projetos similares, foram feitos alguns estudos sobre cartilhas quadrinizadas e fanzines para o desenvolvimento projeto com maior coerência. Como produto final foi criada uma cartilha ilustrada sobre o feminismo que visou transmitir conteúdo referente a construção de gênero.

Palavras-Chave: Feminismo. Quadrinhos. História em quadrinhos. Fanzine. Zine. Cartilha. Cartilha ilustrada.

ABSTRACT

MANEIA, Kamilla da Silva. Illustrated Booklet on Feminism. 2017. Monograph: Technology in Graphic Design - Federal Technological University of Paraná. Curitiba, 2017.

This work presents the process of building a graphic project with a theme based on feminism. Research is needed on the construction and foundation of feminism. A comic book history analysis was made with the author Luyten (1984) and on the construction and structure of the comics based on the authors McCloud (2005) and Eisner (2015), and the development of the project was also based on these authors . After conducting an analysis of similar projects, some studies were done on pointers and fanzines for the development project with greater consistency. As an end product was created an illustrated book on feminism that aimed to transmit content regarding the construction of gender.

Keywords: Feminism. Comics. Comic books. Fanzine. Zine. Primer. Illustrated booklet.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Percepção da melhora na situação das mulheres em comparação coma a vida há 20 ou 30 anos.	19
Tabela 2 - Considera-se feminista	20
Tabela 3 - Violências sofridas.....	21
Tabela 4 - Responsável pela execução do trabalho doméstico.....	23
Tabela 5 - Candidatas e eleitas para as Assembleias Legislativas – 2002, 2006, 2010	28
Tabela 6 - Candidatas e eleitas para a Câmara Federal – 2002, 2006, 2010	28

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Icones.....	31
Figura 2 - SSHHHH	32
Figura 3 - Quadrinhos insones, Diego Sanchez	33
Figura 4 - The Yellow Kid.....	34
Figura 5 – Phantom, Mandrake, Flash Gordon.....	35
Figura 6 - Action Comics.....	36
Figura 7 – Detective Comics.....	37
Figura 8 - The Spirit	38
Figura 9 – Tintin.....	39
Figura 10 - Primeira revista Mad.....	40
Figura 11 - Comics Code Authority	40
Figura 12 - O Tico – Tico	42
Figura 13 - McCloud, 6 passos	46
Figura 14 - McCloud, 6 passos – parte 2	46
Figura 15 - Magra de Ruim	48
Figura 16 - Mulheres retratos de respeito, amor próprio, direitos e dignidade	49
Figura 17 - Desconstruindo Una	49
Figura 18 - Fanzines	50
Figura 19 - Traço pessoal	51
Figura 20 - Comiquita Sans	52
Figura 21 - Etapas	53
Figura 22 - Sinopse	54
Figura 23 – Alternativa de capa	56
Figura 24 – Narrativa	57
Figura 25 – Capa e quarta capa	58
Figura 26 – Teste de impressão	59
Figura 27 – Capas coloridas	59
Figura 28 – Miolo, página 1	60
Figura 29 – Miolo, página 2 e 3	60
Figura 30 – Miolo, página 4 e 5	61

Figura 31 – Miolo, página 6 e 7	61
Figura 32 – Miolo, página 8 e 9	62
Figura 33 – Miolo, página 10	62

LISTA DE SIGLAS

CNDM	Conselho Nacional dos Direitos das Mulheres
FPA	Fundação Perseu Abramo
EUA	Estados Unidos da América
HQs	História em quadrinhos
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
Ipea	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
ONU	Organização das Nações Unidas
PNAD	Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios
STF	Supremo Tribunal Federal
SESC	Serviço Social do Comércio
Zine	Fanzine

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	5
1.1 OBJETIVOS.....	5
1.2 JUSTIFICATIVA.....	6
1.3 ESTRUTURA DO PROJETO.....	7
2 MULHERES E A CONSTRUÇÃO DO FEMINISMO	9
2.1 SEXO E SUBMISSÃO FEMININA, RAIZES.	9
2.2 PRIMEIRAS VOZES DO FEMINISMO.....	11
2.3 PANORAMA DAS MULHERES E DO FEMINISMO NO BRASIL	17
2.3.1 Percepção de ser mulher.....	19
2.3.2 Política.....	27
3 O QUE SÃO HISTORIAS EM QUADRINHOS	30
3.1 LENDO QUADRINHOS E SEUS ELEMENTOS	30
3.1.1 Figuras e Palavras.....	31
3.1.2 O Quadrinho	33
4 HISTORIA DAS HISTORIAS EM QUADRINHOS	34
4.1 BREVE HISTÓRIA DAS HQS.....	34
4.1.1 HQs no Brasil.....	41
5 FANZINE.....	43
6 CARTILHA QUADRINIZADA.....	44
7 DESENVOLVIMENTO DO PROJETO	46
7.1 IDEIA / OBJETIVO.....	47
7.2 FORMA.....	47
7.3 IDIOMA.....	51
7.4 ESTRUTURA	52
7.5 HABILIDADE.....	54
7.6 SUPERFÍCIE	55
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	63

REFERÊNCIAS	65
APENDICE I – RASCUNHOS E COMPOSIÇÃO.....	67
APENDICE II – ARTE FINAL 1X1	70

1. INTRODUÇÃO

O projeto tem por finalidade a criação de uma peça gráfica que reúne os conceitos feministas, visando questionar e desconstruir a vivência da mulher na sociedade. Isso foi possível a partir de estudos sobre a história, dos conceitos debatidos e pautas defendidas e reivindicadas pelo movimento feminista. Juntamente a pauta feminista, houve também os estudos de estruturação e construção, ilustração, movimento, expressão de personagem, tempo, espaço, de quadrinhos e tiras para o seu desenvolvimento.

O propósito da peça gráfica é representar o feminismo em forma de ilustrações e tiras, apresentando e esclarecendo questões sobre o tema de construção de gênero. Conseqüentemente, o projeto tem intenção de estimular e instigar a participação das mulheres nessa vertente cultural das histórias em quadrinhos, que, segundo Will Eisner (1989), a arte sequencial é “uma forma artística e literária que lida com a disposição de figuras ou imagens e palavras para narrar uma história ou dramatizar uma ideia.”.

O projeto foi definido como uma cartilha ilustrada tornando o projeto mais coerente, alterando assim o nome do projeto que passou de: “Feminismo em Quadrinhos” para: “Cartilha Ilustrada sobre Feminismo”. Apesar de preservar características técnicas de um fanzine, que tem por objetivo ilustrar pautas defendidas pelo feminismo e pelas mulheres, assim como questionar e discutir a cultura que foi criada em volta do que é ser mulher. Por fim, tem como intuito representar o feminismo e os quadrinhos a um público específico: as mulheres brasileiras. Dessa forma, fomentar novas autoras, editoras ou consumidoras, a partir do empoderamento de suas ideias e livre forma de expressão, assim como disse Will Eisner (1989, p. 6): “descobri que estava envolvido mais com uma ‘arte de comunicação’ do que com uma simples aplicação de arte”.

1.1 OBJETIVOS

Objetivo Geral

Como objetivo geral, há a criação de uma peça gráfica ilustrada abordando questões feministas, temática que defende a igualdade de gêneros, baseado no cotidiano dos brasileiros.

Objetivos Específicos

- Pesquisar a respeito do movimento feminista;
- Definir as pautas defendidas pelo movimento feminista;
- Pesquisar a respeito de quadrinhos;
- Desenvolver o conteúdo para o projeto gráfico.

1.2 JUSTIFICATIVA

Com base nas pesquisas sobre feminismo e gênero, compreende-se que atualmente a construção de gênero interfere no cotidiano de inúmeras formas e intensidades. O feminismo nasce conforme as necessidades, a partir da desigualdade, perante aos homens, e são percebidas pelas mulheres ao longo da história, havendo inúmeras lutas e movimentos por igualdade e pela liberdade das mesmas.

Mesmo o feminismo sendo uma luta já antiga, ainda há certa invisibilidade e confusão sobre sua construção e seu objetivo de militância.

“Esses resultados são muito significativos; apesar de estar aumentando, com o tempo, o número de mulheres que se identificam com o feminismo, elas ainda são uma forte minoria no país. A imensa maioria das mulheres brasileiras ou confunde o que é feminismo ou não sabem do que se trata. Ou seja, estamos ainda num processo de relativa amnésia e ignorância do potencial emancipatório dessas lutas em nosso país”.
(VENTURI; GODINHO, 2013, p.320)

Este trabalho apresenta a oportunidade de criar um projeto distinto dos que foram trabalhados durante as disciplinas do curso Tecnologia em Design Gráfico da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Para o seu desenvolvimento, foi colocado em prática os conhecimentos de ilustração, diagramação, editoração e produção gráfica já aprendidos anteriormente, havendo

também a exploração de novas técnicas, fundamentos e conceitos. Tais como: conceito e construção de história em quadrinhos e conhecimento acerca do feminismo, explorando temas de sociologia e história, temáticas que influenciam na sociedade.

O objetivo é esclarecer e descomplicar o feminismo a partir da linguagem de quadrinhos a fim de que mais mulheres se identifiquem e conheçam tanto o feminismo quanto os quadrinhos, e o que esses dois veículos podem fazer pelas mulheres.

1.3 ESTRUTURA DO PROJETO

No primeiro capítulo foi apresentada a problemática a ser trabalhada no projeto, a fim de atingir um público e um contexto específico.

No segundo capítulo, para o embasamento de tal problemática, foi realizada uma pesquisa sobre o conteúdo principal, o movimento feminista e o feminismo, a partir da fundamentação teórica sobre o tema, suas origens históricas, sua construção e sua definição, com intuito de gerar conteúdo para o material gráfico. Uma pesquisa posterior foi desenvolvida para entender o contexto da mulher brasileira na atualidade, baseada no livro *Mulheres brasileiras e gênero nos espaços públicos e privado* de Venturi e Godinho (2013).

No terceiro capítulo foi realizada uma análise da estrutura e construção dos quadrinhos, baseados nos livros *Desenhando Quadrinhos*, McCloud (2005) e *Quadrinhos e Arte Sequencial*, Eisner (2015), a fim de gerar coerência no projeto e estrutura-lo.

No quarto capítulo do projeto encontra-se a pesquisa relacionada às histórias em quadrinhos (HQs) com a autora Luyten (1984). Para contextualizar as HQs e seu histórico, foi preciso pontuar alguns fatos do seu processo histórico, suas mudanças e contribuições culturais. Com a circunstância de que o público alvo se situa no Brasil, foi realizada uma breve pesquisa sobre a história dos quadrinhos e seu crescimento no país, assim como um breve estudo sobre o histórico e formação dos fanzines no capítulo seguinte.

Afim de direcionar a comunicação do projeto com mais precisão se viu necessário a inserção do sexto capítulo discorrendo sobre o termo cartilha

quadrinizada, na qual se viu útil para que o produto final se tornasse mais coerente onde se fez relação com o tipo de cartilha de condicionamento de atitudes.

O desenvolvimento do projeto aparece no sétimo capítulo do trabalho. Nesse meio foi realizada uma análise de projetos similares, estudando sua estrutura como peça gráfica, seu conteúdo, sua construção como história em quadrinhos, seu modo de narrativa e estilo. Baseado na metodologia de seis passos descrita pelo autor McCloud (2005), procura-se explicar e exemplificar as etapas do projeto até seu momento final.

2 MULHERES E A CONSTRUÇÃO DO FEMINISMO

2.1 SEXO E SUBMISSÃO FEMININA, RAIZES.

Em meio à discussão a respeito de cultura e sociedade, envolve-se um processo de construção, onde rodeiam vários elementos. Essa carga histórica e cultural é difundida através das repetições.

Daniela Auad (2003) propõe em seu livro que, para entender o feminismo e a sociedade, devemos compreender um pouco a história, para que, assim, seja possível perceber como ocorreu a construção da participação da mulher na sociedade.

A sociedade em que vivemos é uma construção histórica, e nossos valores vêm dos primórdios, onde mulheres e homens começaram a esboçar sua base social.

Nas eras mais primitivas, a principal lei era a da sobrevivência. Por este motivo, a força física era um dos atributos essenciais à perpetuação da espécie. Tal força física geralmente se manifesta no sexo masculino, originando assim a lei do mais forte e conseqüentemente a supremacia masculina.

A partir do momento em que o homem começou a perceber sua participação no processo de reprodução, a sexualidade feminina começou a ser controlada e pontuada, e foi também o momento em que surgiu o matrimônio. Partindo da lei do mais forte, e da instituição do casamento, a mulher passa a ser considerada propriedade do homem, pois seus frutos, os filhos, eram sinônimos de bens. Sendo propriedade do homem, a mulher deveria se submeter a seu marido, que poderia usufruí-la conforme sua vontade, pois a “superioridade de sexo” lhe era favorável.

A partir do fundamento baseado na força física e na superioridade masculina, ocorreu o processo de construção de hierarquia de sexo, assim como a separação entre a esfera pública e a esfera privada. As mulheres foram reduzidas ao âmbito doméstico: cuidar dos filhos, da moradia e dos interesses do seu marido. Em troca, os homens lhe davam proteção e comida. Tudo isso representam os pensamentos e relações bem primitivas como base de um cotidiano selvagem.

De acordo com as autoras Branca Moreira, Jacqueline Pitanguy (1981) e Daniela Auad (2003), nas sociedades antigas, como Grécia e Esparta, a diferença

de sexo significava e justificava as relações de poder. Acreditava-se que a mulher era “inferior” ao homem, um pensamento oriundo dos tempos arcaicos onde o processo de construção do “ser” mulher teve seu prelúdio.

Pensadores da antiguidade corroboraram para a propagação das “naturezas” femininas, aspectos e características que inferiorizavam a mulher, pois características ligadas às feminilidades eram negativadas pelo meio social. Foram criadas normas e construções sobre o corpo e o sexo feminino onde o homem era o seu construtor. Eles afirmavam e propagavam o ideal de mulher e suas funções para com a sociedade. Com a divisão dos papéis e dos espaços, mulheres foram confinadas ao interior de suas casas, sendo lhes negadas qualquer outro tipo de conhecimento ao qual não fosse necessário para o espaço doméstico. Uma de suas principais funções na sociedade era prover um herdeiro homem na qual esse poderia carregar e promover os valores da família assegurando seu patrimônio.

Assim como as diferenças de tarefas e de poder dependiam do seu sexo biológico, os valores e morais seguiam neste mesmo raciocínio. Ao nascer homem ou mulher, biologicamente falando, alguns valores e características eram considerados intrínsecos ao ser. Fragilidade, submissão e inferioridade racional são algumas das características que acreditavam ser vinculadas como atributos femininos.

Ao considerar a mulher como um bem material criado para servir aos homens e ao se tornar propriedade de um, a mulher deveria dedicar sua vida e seu corpo a ele. Em contraponto, era admitido que o homem tivesse outras parceiras sexuais, como exemplo, prostitutas, escravas, mulheres pobres, mulheres sem dotes na qual a objetificação de seus corpos era o último de seus recursos. E um direito assegurado pelo sexo masculino era o de matar sua esposa se julgasse que ela estava cometendo adultérios. Ato estritamente proibido entre as mulheres e que resultava em punição, no caso a morte.

Na Idade Média, a participação da mulher era inegável, assim como sua posição de dominação e sua inferioridade perante a sociedade. Elas participavam como membros ativos na sociedade. Havia mulheres trabalhando nos campos, tecendo, trabalhando na produção de bens materiais, cuidando da organização doméstica, da educação dos filhos. O reconhecimento desse trabalho era nulo, pois eram considerados exercícios ordinários.

Segundo Auad (2003), as mulheres ainda eram relacionadas a adjetivos como fragilidade, indolência, luxúria. A Igreja era responsável por repassar esse tipo de mentalidade e por promover sua manutenção. Teólogos da época afirmavam que a existência da mulher era a prova de que o demônio existia, e que a mulher era desprovida de alma, assim como os animais. Esse tipo de crença acarretou no fenômeno conhecido como “caça as bruxas”, que perdurou por quatro séculos, entre XIV e XVIII. A inquisição condenava pessoas que fizessem bruxaria, mas estudiosos relatam que 90% das pessoas executadas eram mulheres, assim como diz a autora Auad (2003).

Os dois principais motivos para que as mulheres fossem as mais perseguidas nesse período eram: a sabedoria que as mesmas detinham sobre anatomia e ervas proveniente da tradição de serem curandeiras e parteiras. Isso estava ameaçando o conhecimento científico, pois, esses saberes deveriam ser particulares de estudiosos e médicos. Era um momento de diferenciação de saber científico e do saber popular. E o segundo motivo apontado pela autora seria o hábito que as mulheres tinham em formar grupos para troca de conhecimento.

Ainda assim houve poucas mulheres, que conseguiram transgredir todos os preconceitos e que frequentaram universidades, formando-se em Medicina e Direito. No período da Alta Idade Média, que compreende os anos entre 476 e 1.000 d.C., as mulheres começaram a ter acesso às artes, ciências e à literatura. Foi o início para esboçar sua inquietação perante a forma como a mulher era tratada na sociedade.

2.2 PRIMEIRAS VOZES DO FEMINISMO

Foi durante o século XVIII que aconteceu um importante movimento histórico: o Iluminismo. Sua principal prerrogativa era instaurar uma nova filosofia, se desprender da “idade das trevas” e trazer “luz” a humanidade, por meio da cultura e do conhecimento. Apesar desse discurso gracioso e de intenção afável, essa mudança não era generalizada, as mulheres ainda eram alvos de preconceitos, consideradas seres de razão e capacidade inferior à dos homens. Os pensadores da época defendiam que devido à sua “natureza” ligada à intuição e a imaginação, não

eram capazes de ocupar lugares nas esferas públicas, sendo restritas aos locais domésticos e que sua existência seria de total usurpação masculina.

“Toda a educação da mulher deve ser relacionada ao homem. Agradá-los, ser-lhes útil, fazer-se amada e honrada por eles, educá-los quando jovens, cuidá-los quando adultos, aconselhá-los, consolá-los, torna-lhes a vida útil e agradável – São esses os deveres das mulheres em todos os tempos e o que lhes deve ser ensinado desde a infância.”
(JEAN JACQUES ROUSSEAU, Disponível em: <
<https://www.escritas.org/pt/t/16984/toda-a-educacao-da-mulher>>. Acesso em: 20 de setembro de 2017).

Segundo Auad (2003), apesar da mentalidade dos filósofos iluministas e a perseguição às mulheres durante a Idade Média, elas participaram ativamente da construção da sociedade que temos hoje, tanto nos seus elementos positivos quanto nos negativos, embora essa participação seja esquecida nos livros de história.

De acordo com autoras Alves e Pitanguy (1981), a Revolução Francesa foi um marco na história do feminismo. Foi nesse momento histórico que o movimento se estruturou e adquiriu características de uma política organizada.

Em 1791, Olympe Gouges publicou a *Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã*, onde afirma:

“Diga-me, quem te deu o direito soberano de oprimir o meu sexo? [...] Ele quer comandar como déspota sobre um sexo que recebeu todas as faculdades intelectuais. [...] Esta Revolução só se realizará quando todas as mulheres tiverem consciência do seu destino deplorável e dos direitos que elas perderam na sociedade.”
(ALVES; PITANGUY, 1985, p. 33-34).

Dessa forma, reivindicou a igualdade natural que as mulheres têm tanto quanto os homens, e por tantos direitos civis e de inserção na vida política como iguais.

A proposta de igualdade política entre os sexos foi rejeitada pelo parlamento em 1793, ano em que Olympe foi guilhotinada sob acusações de ter querido ser um homem de Estado e ter ignorado as virtudes do seu sexo. A luta das mulheres foi boicotada, sendo proibidas as associações femininas e sua inserção na vida pública.

No século XIX se consolida o capitalismo, e a crescente das fábricas demanda mais mão-de-obra. Mulheres e crianças passam a frequentar as fábricas

com longas jornadas de trabalho, de 14 até 18 horas diárias, ganhando menos que os homens sob argumento de que havia um homem sustentando-as.

Com tanta desigualdade e exploração, as mulheres começaram a se organizar com finalidade de reivindicar melhores condições e direitos de trabalho. A partir disso, despontaram algumas líderes operárias como Jeanne Deroin e Flora Tristan. Conforme Alves e Pitanguy (1981) relatam, Jeanne elaborou um projeto de uma União das Associações de Trabalhadores, que deu origem ao que conhecemos hoje como sindicato. Ela e seus companheiros foram presos e para não desmoralizar o movimento, por ter ela, uma mulher, na liderança, ela renunciou a autoria do projeto por temer prejudicar o movimento operário.

As mulheres começaram a resistir e lutar, por muitas vezes não foram felizes em seus objetivos, mas a partir dessas guerreiras e da insistência feminina que alguns dos objetivos foram alcançados e nos possibilitaram crescer como ser social.

A luta pelo sufrágio feminino demandou enorme capacidade de organização e demasiada paciência, pois essa luta durou aproximadamente sete décadas nos Estados Unidos e na Inglaterra. No Brasil perdurou por 40 anos, a contar da constituinte de 1891, segundo as autoras Alves e Pitanguy (1981). Esse movimento político mobilizou, no seu ápice, aproximadamente 2 milhões de mulheres, uma das maiores mobilizações políticas de massa de grande significação no século XX. Após muita luta e violência contra o movimento, por parte do Estado, foi conquistada o direito de voto em 1920 nos EUA (Estados Unidos da América) e em 1928 na Inglaterra. No Brasil a luta pelo voto se iniciou em 1910. O direito foi conquistado gradativamente nos Estados, de forma que em 1932 o atual presidente Getúlio Vargas decreta por lei o direito de voto às mulheres em todo o país. Após o direito de voto ter sido adquirido o movimento de massa perdeu força, mas os questionamentos sobre os aspectos que configuram a condição da mulher na sociedade prosseguiram.

No século XX, a mão-de-obra feminina é requisitada em períodos de guerra para que substituíssem os homens que estavam nos campos de batalha, se tornando essencial para a subsistência da guerra e da indústria, e era de suma importância que as mulheres assumissem seus papéis nas indústrias e em suas casas, mas não se reconhecia a necessidade nem a capacidade feminina. Ao final da segunda guerra mundial, a diferenciação dos papéis, baseados no sexo, é reavivada e reafirmada, assim as mulheres são retiradas do mercado de trabalho e

realocadas nos espaços domésticos. Os meios de comunicação vendem a imagem da “rainha do lar”, intensificando a mística de que o espaço da mulher é na esfera doméstica. Com o passar do tempo esse estilo de vida, destinado às mulheres, foi gerando frustrações e questionamentos.

Escritoras e estudiosas começam a denunciar as raízes culturais da desigualdade sexual. Uma conscientização feminina começa a se formar, a percepção da dominação masculina sobre o sexo começa a ser questionado numa sociedade onde são delegadas funções, ações, atitudes conforme o sexo biológico.

Conforme Auad, (2003), o conceito de patriarcado, definido no livro como conjunto de relações hierárquicas entre homens e homens, mulheres e mulheres, homens e mulheres, que se caracterizam pela opressão das mulheres, propiciou a compreensão dos diferentes modos em que as mulheres são exploradas. Uma citação que exemplifica que o patriarcado ainda vigora de forma mascarado é de Heleieth Saffioti:

“Se na Roma antiga o patriarcado tinha direito de vida e morte sobre a mulher, hoje o homicídio é crime tipificado no Código Penal, mas os assassinos gozam de ampla impunidade”.
(AUAD, 2003, p. 55).

A Auad (2003) descreve que algumas estudiosas dividem o movimento feminino em períodos históricos chamado de ondas. A primeira seria a luta pelo direito do voto feminino, e o início da segunda seria com a publicação de 1963, *A mística feminina*, de Betty Friedman, onde analisa um importante livro da primeira onda, *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir, formulando novas propostas para reorganizar o movimento feminista. Na segunda onda o movimento feminista se junta a outras lutas que reivindicam direitos políticos e sociais, como estudantes e operários.

Para melhor entender essa relação de desigualdade entre homens e mulheres, nesse trabalho se explora o termo “relações de gênero”. Com base em Auad (2003) considerando gênero um conjunto de expressões que constrói o feminino e o masculino. O gênero é uma divisão binária que foi construída culturalmente, características e personalidade foram “naturalizadas” em ambos os gêneros, que é restrito ao sexo biológico, sendo mulher e homem.

O estereótipo construído em cima do sexo biológico que são basicamente opostos, atributos naturalizados como masculino, força, coragem, agressividade, tem como oposto os atributos encontrados no sexo feminino. Ser mulher é tido como oposição binária. É considerado um complemento do homem, pensamento que contribuiu na hierarquização do sexo e onde se construiu o mito da subordinação natural feminina, baseados na ideia de que a diferença anatômica destina e justifica a moral, a submissão ou subordinação. Essa relação de gênero normativa e rígida estabelece limites entre os sexos, sendo que o trânsito de comportamento e personalidade de um sexo para outro é considerado incoerente.

Considera-se que através da história as mulheres foram tratadas como seres de segunda categoria, sendo que os tipos de feminilidades são negativados no meio social, enquanto que os traços de masculinidades são considerados como algo positivo.

Com base nas normatizações culturais constituídas, aprendemos, através do processo de socialização, a ser mulher ou homem conforme o sexo biológico coerente. No livro “Segundo sexo de Simone de Beauvoir” de 1949, ela escreve e defende a teoria onde: “Não se nasce mulher, torna-se mulher”.

O feminismo defende que a hierarquia sexual não é uma fatalidade biológica e sim o fruto de um processo histórico, sendo ele passível de transformação, pois a luta contra a discriminação implica na recriação e ressignificação da identidade do indivíduo superando essa hierarquia.

Corroborado por autores e autoras, afirmam que não é possível falar de feminismo no singular, suas lutas e reivindicações variam conforme o contexto em que se encontram, de acordo com seu momento histórico, características socioeconômicas e políticas dos pais ou região. Exemplos de feminismos variantes são: o movimento feminista negro, islâmico e nordestino. Existem essas diferenças, pois cada grupo enfrenta situações diferentes, não sendo possível generalizar as mulheres, nem os homens, nem estereotipá-las de forma que se deva entender a variabilidade de seu contexto para enfim compreender sua luta. Mas há temas recorrentes nas reivindicações básicas feministas pelo mundo, no livro *O que é feminismo?* As autoras Moreira e Pitanguy (1981) categorizaram essas reivindicações, e elas são quatro: sexualidade e violência; saúde; ideologia; formação profissional e mercado de trabalho.

Sexualidade e violência, opressão que as mulheres se deparam desde o princípio da história, uma contenção que é exercida pelo homem/Estado sobre a mulher minando toda sua potencialidade. Baseada na inferioridade feminina natural devida sua biologia, a moral da mulher é baseada na sua sexualidade controlada e pela sua função reprodutiva, enquanto a moral do homem é vista pelo seu desempenho. O feminismo denuncia a violência e a manipulação à que o corpo feminino é submetido tanto àquele que se concretiza na agressão física, estupro, espancamento, assassinato, tanto aquele que dá pela objetificação do corpo feminino, utilizado pelas mídias e afins. A partir da compreensão dessas questões o feminismo busca defender a desvinculação da função biológica de reprodução e exige a emancipação do seu corpo, do direito do prazer sexual e à livre opção pela maternidade. Como forma de garantir uma maternidade segura e como o resultado de uma opção consciente e não de uma fatalidade biológica, também defende o aborto, mas não usado como uma forma contraceptiva.

Saúde, o corpo feminino é envolto por inúmeros tabus e regras, construídos para o controle do homem, por tais reproduções culturais muitas mulheres vivem na alienação e não conhecem o próprio corpo nem como ele funciona, perdendo a capacidade de controle de suas funções, o movimento propõe a reapropriação do conhecimento sobre o corpo feminino, sua anatomia e fisiologia.

Construção ideologia, o desenvolvimento de um conjunto de ideias, imagens, crenças, que são legitimados, perpetuados e reproduzidos levaram a determinação de que a mulher tenha uma posição social inferiorizada que contribuiu para a concretização da hierarquização dos papéis sexuais, fundamentados e naturalizados na biologia. O movimento procura desconstruir esta hierarquização entre o “masculino” – “superior” – e o “feminino” – que em oposição é “inferior”. Uma das principais metas do feminismo é denunciar a reprodução e transmissão desses ideais por meio das instituições: família, religião, ou pelos agentes socializadores escolas, meios de comunicação, HQs, e luta para superar o machismo na educação, buscando ressignificar o papel da mulher na sociedade.

O universo feminino sofre inúmeras restrições, na formação profissional e no mercado de trabalho não é diferente, a demarcação de funções e de competências relacionadas à feminilidade acarreta na desvalorização da mulher no mercado profissional que resulta em diferenças salariais entre mulheres e homens, apesar de ocuparem os mesmos cargos, dificultando a ascensão profissional feminina e a

ausências das próprias em cargos mais elevados. Reivindicam assim a equiparação salarial e de direitos, além da divisão do trabalho doméstico, pois o trabalho doméstico é uma função distinta que não depende do sexo biológico.

A construção da ideologia feminista é uma consequência histórica, mulheres vêm sendo tratadas como seres humanos inferiores ao longo da história, inquietas, começaram a questionar o modo como a sociedade funcionava, e foram em busca de informação. Instruídas e munidas de conhecimento foram em busca de mudanças, com persistência e resistência, derrotas e vitórias, mas ainda há batalhas a serem travadas. Em busca de uma sociedade igualitária, através do seu cotidiano a mulher do mundo tem vivido anonimamente e batalham diariamente para recriar e transformar sua relação com o mundo.

“O feminismo se constrói, portanto, a partir das resistências, derrotas e conquistas que compõe a História das Mulheres e se coloca como um movimento vivo, cujas lutas e estratégias estão em permanente processo de re-criação. Na busca das relações hierárquicas entre homens e mulheres, alinha-se a todos os movimentos que lutam contra a discriminação em suas diferentes formas.”
(ALVES; PITANGUY, 1981, p.74).

2.3 PANORAMA DAS MULHERES E DO FEMINISMO NO BRASIL

Considerada uma das precursoras da conscientização feminina, Dionísia Gonçalves Pinto conhecida pelo pseudônimo de Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810-1875), educadora, poetisa e escritora, denunciava e questionava a superioridade masculina e defendia a emancipação feminina. Em seu livro *“Direito das Mulheres e injustiça dos homens.”*, publicado em 1832, Nísia busca desconstruir a argumentação da superioridade masculina baseando-se na teoria da Razão.

Segundo a autora, os dois sexos são essenciais à propagação da espécie humana, e a força física proeminente do corpo masculino não é pretexto de o direito do sexo masculino exercer superioridade sobre o feminino, pois há, entre mulheres e homens, corpos com diferentes características em graus de força, tamanhos e etc, pois somos em iguais criaturas racionais. As mulheres detêm da mesma capacidade intelectual que os homens, capazes de realizar as mesmas funções com a mesma qualidade nas esferas públicas. A perpetuação e usurpação do sexo feminino em

prol do masculino se dá pela comodidade de viver e pensar no estado em que já se está acostumado, pois a mudança é cansativa e temerosa. Esses preconceitos e hábitos privam a sociedade de novas possibilidades. As raízes do machismo, identificadas pela autora, se dão pela propagação da inferioridade feminina impregnada no costume e refletida no preconceito, ela defende a justiça entre os sexos. Sua obra se torna fundamental para a formação da consciência feminina e na construção do feminismo brasileiro.

No século XX, já organizado como movimento, o feminismo floresce no meio da luta pelo direito de voto para as mulheres em 1910, no Brasil, quando a professora Deolinda Daltro fundou, no Rio de Janeiro, o Partido Republicano Feminino.

Grande defensora dos direitos da mulher, Bertha Luz lutava pela emancipação feminina, e em 1919 fundou a Liga pela Emancipação Intelectual da Mulher. Fundou também a Federação Brasileira para o Progresso Feminino, considerada a primeira sociedade feminista do Brasil.

O direito ao voto feminino foi sendo conquistado gradativamente nos estados brasileiros. Somente em 1932 o presidente Getúlio Vargas decreta por lei o direito de voto às mulheres no país.

Em 1975 a ONU (Organização das Nações Unidas) declara como sendo o Ano Internacional da Mulher, reavivando as discussões sobre as questões femininas e a condição da mulher na sociedade.

O feminismo é um movimento político e social, que propõe uma mudança social no âmbito econômico, político, ideológico em busca da equidade de gênero e sexo. No Brasil o movimento feminista não é singular, o país é composto por uma gama variada de pessoas com classes sociais, raças, etnias, raízes culturais que se diferem em muitos pontos. Mas, sob uma generalização e normatização cultural do país, o feminismo e as feministas do país defendem alguns pontos básicos para que ocorra a mudança social. Desconstruir costumes e ideias oriundas de séculos passados, erradicar o patriarcado e desconstruir uma ideologia social baseada na submissão da mulher. A busca pela liberdade intelectual e sexual feminina. E como ferramenta essencial da mudança, propõe a transformação nas instituições de ensino e uma reeducação populacional.

As lutas e as estratégias do feminismo estão em constante processo de recriação, sempre questionando a vivência social e seus resultados.

Assim, ao longo da história, foram muitas as conquistas das mulheres no mundo e no Brasil. Com base nos dados da pesquisa nacional realizada pela Fundação Perseu Abramo (FPA), em parceria com o Sesc, que resultou no livro *Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado* (2013), analisou-se o panorama geral da vida cotidiana da brasileira nas esferas de cunho público e privado. O presente livro contribui com temas variados, sendo a mulher como ponto central. Tal livro representa um sucessor de uma primeira publicação *A Mulher brasileira nos espaços público e privado* (2004).

2.3.1 Percepção de ser mulher

Como a cultura e a sociedade interferem na percepção de ser mulher ou homem, determinando ações e vivências, a construção gera uma estrutura social basicamente binária e normalizadora sem espaço para “desvios”, podendo gerar conflitos e limitações na vida das pessoas.

Em comparação com as últimas décadas, a situação da mulher é considerada mais satisfatória. Conquistando um maior espaço nas áreas de educação, a mulher tem tido uma maior ascensão na esfera pública. (Tabela 1).

Tabela 1 - Percepção da melhora na situação das mulheres em comparação com a vida há 20 ou 30 anos.

	MULHERES	
	2001	2010
Está melhor	65	74
Está pior	24	19
Não teve mudanças	10	6
Não sabe	2	2

Fonte: Venturi; Godinho (2013)

Em relação ao sexo biológico e ao “destino” atribuído a ele, considerando suas vantagens e desvantagens, é de comum acordo entre os entrevistados, mulheres e homens, que o sexo masculino tem vantagens no mercado de trabalho,

assim como uma maior liberdade e independência. As mulheres manifestam sua insatisfação com as desvantagens de ser mulher.

Em um país onde o machismo ainda é um dos seus pilares na ordem social, a desigualdade sexual permeia o cotidiano e dita regras por meio da relação de poder.

O machismo tem sua força na construção categórica do sexo masculino com justificativa no determinismo biológico reforçado pela prática social. Constituindo normatizações de feminilidades e masculinidades. A soma dessas práticas sociais juntamente com sua carga histórica resulta em uma construção de gênero. Segundo pesquisa de Venturi e Godinho (2013) no Brasil, 22% dos homens se consideram machistas e 74% não se consideram machistas.

Fundada na diferenciação de gênero, o machismo é um processo da identidade masculina naturalizada socialmente, tendo sua justificativa nas categorias como “instinto”, “destino” e “fatalidade”, que em sua máxima demonstração de brutalidade o machismo leva a violência contra a mulher. A população reconhece o machismo vigente em nosso cotidiano no país, no entanto os entrevistados não se classificam como machistas.

No Brasil, muitas mulheres não sabem, confundem ou não se consideram feministas (FIGURA 2). Essa confusão ou desconhecimento sobre o assunto gera preconceitos que desmerecem o movimento e sua ideologia.

Tabela 2 - Considera-se feminista

	MULHERES	
	2001	2010
Considera - se feminista (sabe ou tem noção do que é)	21	31
Totalmente	8	14
Em parte	13	17
Não é feminista	79	68
Não se considera	41	40
Confunde feminista com feminina	13	9
Não sabe se é/ Não sabe o que é	25	18

Fonte: Venturi; Godinho (2013)

Compreende-se que o feminismo precisa ser esclarecido e fomentado entre as mulheres, mas não somente entre elas. O machismo gera múltiplas violências

sofridas por pessoas de gênero: abusos físicos, sexuais, verbais e psicológicos (Tabela 3).

A violência doméstica é incorporada aos lares brasileiros, bem como seu molde histórico enraizado e sendo trivializados nas relações entre homens e mulheres. Mulheres sendo subjugadas e oprimidas continuamente em seus lares, onde devia ser seu lugar de confiança e segurança. Violência pertinente do período colonial e escravocrata, consolidando uma cultura patriarcal baseada em hierarquias de gênero, raças e classes. Preservado pelo patriarcado, em vantagem aos privilégios que o homem detém dessa relação e ideologia que é o machismo. Criada para preservar o poder, o controle e a autonomia assimétrica da sociedade.

Tabela 3 - Violências sofridas.

	MULHERES		HOMENS
	2001	2010	
Já sofreu alguma violência	19	18	10
Física ou ameaça	10	12	6
Sexual	6	4	
Psíquica / verbal	3	4	3
Assédio	1	0,4	
Controle / Cerceamento	0,2	0,3	
Nunca sofreu nenhuma violência	80	80	89
Não sabe / NR / Recusa	0,3	1	1

Fonte: Venturi; Godinho (2013)

E a fim de preservar o núcleo familiar, para que a matriz seja assegurada, mesmo sob constantes violências em seu lar, a mulher ainda persiste com esperanças de que seu companheiro mude em prol do seu matrimônio/aliança.

Em resposta aos esforços da luta feminista e da repercussão da lei Maria da Penha*, são perceptíveis poucas mudanças na percepção social, onde uma nova demanda social se diz contra a violência praticada com as mulheres.

Segundo Marilena Chauí:

* Lei 11.340, de 7 de agosto de 2006, que visa punir e prevenir e a violência doméstica e familiar contra a mulher.

“A violência se opõe à ética porque trata seres racionais e sensíveis, dotados de linguagem, como se fossem coisas, isto é, irracionais, insensíveis, mudos, inertes ou passivos [...]. Na medida em que a ética é inseparável da figura sujeito racional, voluntário, livre e responsável, trata-lo como se fosse desprovido de razão, vontade, liberdade e responsabilidade são trata-lo não como humano e sim como coisa, fazendo-lhe violência nos cinco sentidos em que demos a essa palavra.”
(VENTURI; GODINHO, 2013, p.77)

Ao observar os dados da pesquisa realizada pela FPA em parceria com o Sesc (Serviço Social do Comércio), a autora Simone Grilo Diniz, 2013, analisa o exercício dos direitos reprodutivo e sexuais da mulher. A renda e a escolaridade das mulheres brasileiras influênciam nos modelos de sexualidade e de reprodução presente no país. Recorrente a desvalorização “natural” da figura feminina, é rejeitada a elas informação e autoridade sobre seu próprio corpo, resgatando historicamente a posse do corpo feminino no poder dos homens. Oprimidas em sua sexualidade e subjugadas pelo seu gênero. No Brasil isso tem diminuído conforme as gerações passam.

As mulheres iniciam sua vida sexual sem informações suficientes a respeito do próprio corpo. Sob análise de Figueiredo e Araújo (2013), a mulher tem que lidar com a reprovação social por exercer sua sexualidade, impregnados em uma cultura machista e conservadora, a abstinência feminina é positivada e entendida como sendo a norma. Comportamentos que fogem disso são negados e marginalizados.

Muitas mulheres usam clandestinamente o contraceptivo de emergência (pílula do dia seguinte) em situações de violência sexual ou possível gravidez indesejada. Cerca de 77% das mulheres conhecem esse método.

O aborto é um crime no Brasil. Os artigos 124, 125 e 126 do código penal brasileiro prevê punição para a gestante e para terceiros, que acaba por acarretar em abortos clandestinos, e assim, uma crise pública no que diz respeito a saúde das mulheres brasileiras. Impossibilitando a autonomia da mulher, um pilar que sustenta o modelo patriarcal do país, defendendo o domínio do homem sobre o corpo da mulher e sua sexualidade construída historicamente.

Segundo a autora Faria (2013) “a construção do modelo atual de maternidade é parte da modernidade capitalista”. O feminismo defende a separação da maternidade e o direito de se expressar sexualmente, e a luta pelo direito ao aborto que é essencial para alcançar a autonomia sobre o próprio corpo.

Segundo Faria (2013), muitos grupos religiosos e conservadores são contra o aborto e lutam contra sua legalização, usando métodos a fim de coagir, humilhar, culpabilizar, constranger e expor, com o argumento de estarem defendendo os valores morais da sociedade sem levar em considerações sua história e suas razões. Mais uma pressão psicológica em cima da mulher, como se somente elas fossem as responsáveis pela gravidez. Muitas mulheres morrem em abortos clandestinos no Brasil. É uma questão de saúde pública.

Formado um consenso ético em 12 de abril de 2012, o Supremo Tribunal Federal (STF) promulgou que “Gestantes de anencéfalos têm o direito de interromper a gravidez” isentas de burocracia.

Já no mercado de trabalho a divisão sexual do trabalho está baseada nas raízes históricas e culturais da humanidade. No Brasil tem forte relacionamento com o sistema colonial e escravocrata. Elas estão divididas em trabalho reprodutivo, exercido majoritariamente por mulheres, e o trabalho produtivo entendido principalmente como área de atuação masculina (Tabela 4).

Tabela 4 - Responsável pela execução do trabalho doméstico.

	MULHERES	
	2001	2010
MULHERES	93%	91%
HOMENS	2%	3%

Fonte: Venturi; Godinho (2013)

Segundo Kergoat (2002), partindo do pressuposto histórico, é possível observar que a “estruturação atual da divisão sexual do trabalho surgiu simultaneamente ao capitalismo” e que a relação do trabalho assalariado não teria podido se estabelecer na ausência do trabalho doméstico.

A autora Ávila (2013) estabelece que o patriarcado é um sistema antigo, anterior ainda ao capitalismo, mas que perpassa à história. A divisão do sistema atual está relacionada ao sistema salarial, onde a força de trabalho é a mercadoria e o trabalho produtivo se autonomiza com espaço e tempo próprios e se impõem sobre a organização do dia a dia, e o trabalho reprodutivo é definido como espaço doméstico, que passa a ser uma unidade familiar.

Estabelecida a divisão de trabalhos, está a eles vinculados um valor de trabalho feminino e masculino, na qual o trabalho doméstico é desvalorizado, ignorado e estigmatizado. Essas habilidades são progressivamente “naturalizadas” como sendo inerentes as mulheres.

Segundo o artigo de Ávila (2013), a estrutura básica do mundo do trabalho está pautada nas relações de classe, gênero e raça, portanto um sistema capitalista, patriarcal e racista. A diferenciação das tarefas e a exploração da mulher acontecem da seguinte forma: As mulheres exercem dupla jornada, depois do trabalho remunerado, ainda são as responsáveis pela manutenção da vida cotidiana, enquanto os homens são pouco envolvidos nesse trabalho, realizam tarefas pontuais ou exercem a função de apoio das mulheres. Torns escreve:

“...uma lógica diacrônica, linear e facilmente tornada objetiva mediante o sistema de horário, enquanto o segundo se move em uma lógica sincrônica, difícil de precisar sem a percepção subjetivada experiência de vivida cotidianamente e com uma descontinuidade só visível através do ciclo de vida feminino.”

(VENTURI; GODINHO, 2013, p.234)

Dados referentes à divisão sexual do trabalho na diferença de tarefas mostram a forte estrutura conservadora em que estamos inseridos. Segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) (2012) estão distribuídos: na atividade de serviços domésticos, 94,8% são mulheres e 5,2% homens. Já na atividade de construção, 93,9% são homens e 6,1% são mulheres. Notam-se as estruturas baseadas em padrões sexistas que regem a organização de mercado de trabalho no Brasil. Carrasco escreve:

“Com a crescente participação feminina no mercado de trabalho e a nula resposta social e masculina ante a mudança de cultura e comportamento das mulheres, as últimas assumiram a dupla jornada e o duplo trabalho deslocando-se continuamente de um espaço ao outro, solapando e intensificando seus tempos de trabalho. Tempos que vêm determinados, por um lado, pelas exigências da produção mercantil e, por outro, pelos requerimentos naturais da vida humana.”

(VENTURI; GODINHO, 2013, p.240).

Cepal (2010) “a participação econômica das mulheres ocorre em condições de desigualdade, discriminação e sobrecarga de horas de trabalho que relativizam o avanço”.

As mulheres vivem o dilema entre o trabalho reprodutivo e o produtivo, onde se espera que ela priorize o reprodutivo, sob pressão social de ser mulher e ser entendido que o seu lugar “natural” seria na esfera doméstica. Esse dilema interfere nas suas escolhas e nas suas tomadas de decisão. Muitas mulheres param de trabalhar fora de casa por conta das responsabilidades matrimoniais ou maternas, que são definidas como sendo obrigação da mulher, ou por insatisfações e discriminação em seus empregos.

Segundo a autora Silva (2013) as mulheres negras são vítimas da história que determinaram sua condição de pobreza em consequência do racismo e da desigualdade socioeconômica. Dados do Censo Demográfico de 2010 revelam que a população total brasileira é de 197 milhões, nas quais 97 milhões são pessoas negras, que equivale a 51% de habitantes. E desses 97 milhões, 49 milhões são mulheres negras, sendo 25,6% da população total. Estudos feitos pelo IBGE (2011) revela que 16,2 milhões de brasileiros vivem em situação de extrema pobreza, com renda per capita de até R\$ 700,00 por mês, pouco mais de R\$ 2,00 por dia. Desse total 70,8% são negros. Esses dados refletem a vida dessa parte da população, as dificuldades de acesso a serviços públicos, ao mercado de trabalho, saúde de qualidade, educação adequada, e ainda sofrendo com a invisibilidade nos espaços políticos. Para Kimberlé, pesquisadora norte americana:

“A interseccionalidade trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outra. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento.”

(VENTURI; GODINHO, 2013, p.249)

Segundo Silva (2013) o negro no Brasil é associado ao que é ruim e feio; estigma perpetuado pelos meios de comunicação em geral, insistindo em estereótipos, exemplo observado quando a imagem de um homem negro é construída como um trabalhador braçal, marginal ou atleta. Enquanto as mulheres negras são associadas aos trabalhos domésticos ou relacionadas ao samba, à sensualidade e à sexualidade. Stuart Hall (1997) discute,

” estereotipar faz parte da manutenção da ordem social e simbólica, estabelecendo uma fronteira entre o “normal” e o “desviante”, o “normal” e o

“patológico”, o “aceitável” e o “inaceitável”, o que “pertence” e o que “não pertence”, o “nós” e o “eles”. Estereotipar reduz, essencialista, naturaliza e conserta as diferenças, excluindo ou expelindo tudo aquilo que não se enquadra e é diferente. “
(SILVA, 2013, p.251)

Escreve Silva (2013) que as múltiplas formas de violência vivenciada pelas mulheres, sejam ela, física, psicológica e sexual; o tráfico de mulheres; e pelas autoridades armadas da polícia e da marginalidade, são multiplicadas pelo racismo, preconceito e pela discriminação.

Reconhecendo que os movimentos sociais, feministas, negras e trabalhadoras, foram as grandes responsáveis pelos avanços conquistados nos diversos setores da sociedade, as autoras Xavier e Werneck (2013) pontuam que o Brasil ainda é um país com muitas desigualdades, com bases fortes na marca racial, na identidade de gênero e se apoiam às condições geopolíticas de ocupação de locais demarcados no país e nas cidades, rural, urbano, centro, periferia entre outros. Segundo as autoras Xavier e Werneck (2013), ao longo da história no Brasil pós – escravidão, o trabalho doméstico se tornou a principal ocupação das mulheres negras, pois guarda proximidade com as relações escravocratas, ocupação secular que somente em 1970 foi reconhecida como profissão.

Segundo o Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), o trabalho doméstico ainda é a principal fonte de renda das mulheres, correspondendo a 17% das mulheres ocupadas em 2009, e para as negras corresponde a 21,8%. A mulher ainda tem que administrar o trabalho não remunerado em suas casas, enfrentando uma dupla jornada.

Apontado pelas autoras Xavier e Werneck (2013), o aumento da escolaridade das mulheres resultou em maior acesso a ocupações de melhor remuneração, mas não alcançou a isonomia salarial em relação aos homens e nem a ocupação de cargos mais elevados.

Os autores Nogueira e Jacino (2013) discorrem sobre a desigualdade de gênero no trabalho. Suas causas são diversas, uma delas apontada pelos autores é o sistema capitalista que juntamente com a herança do sistema escravocrata onde a economia brasileira se baseou até o fim do Império. Somando os fatores sociais, históricos, econômicos e filosóficos, foi construída uma estrutura rígida de machismo no país. Uma estrutura machista e preconceituosa rege nossas bases educacionais.

É necessário que o processo de luta pela igualdade de gênero e raça seja acompanhado de mudanças na estrutura de ensino.

Essa transição do trabalho escravo para o livre contribuiu para a institucionalização do preconceito e racismo no país, onde se investiu para a vinda de imigrantes europeus e destinou as negras e os negros à periferia, forçando-os à exclusão do mercado de trabalho. Mesmo depois de 120 anos da Abolição do país ainda não reverteu às consequências e desigualdades geradas no sistema de escravidão. As mulheres negras são as mais afetadas no mercado de trabalho. São as que ingressam mais cedo e as que saem mais tarde, são as que mais sofrem com o desemprego e/ou discriminação salarial, que independe da escolaridade sofrendo uma dupla discriminação, o machismo e o racismo. Os autores constam que as mulheres enfrentam múltiplas barreiras na corrida da equiparação salarial. As probabilidades de serem promovidas são menores, e, quando são promovidas, as mulheres levam mais tempo do que os homens, e isso se agravam a partir do recorte racial, o racismo e o machismo dificultam a ascensão ou até mesmo o acesso das mulheres negras há essas oportunidades.

2.3.2 Política

A autora Avelar (2013) ressalta a pouca atividade e representação das mulheres em espaços formais e em partidos políticos, porém as organizações de feministas tem logrado êxito em suas reivindicações no campo dos direitos das mulheres.

Sobre as organizações não governamentais, Pharr e Putnam (2000) afirmam que a partir do ponto que os partidos não corresponderem os interesses públicos, outras formas de participação política se tornam mais efetivas, assim como mostravam os vários universos de organizações civis.

Segundo o artigo de Avelar (2013), evidenciam-se algumas conquistas; na Constituinte de 1988¹ as mulheres conseguiram que 80% das suas reivindicações

¹ Assembleia Nacional Constituinte de 1987-1988, foi lançada no Congresso Nacional, em Brasília, oficialmente no dia 01 de fevereiro de 1987, com a finalidade de elaborar uma Constituição democrática para o Brasil, após 21 anos sob regime militar.

fossem incorporadas na nova constituição; em 1985 a criação do Conselho Nacional dos Direitos das Mulheres (CNDM); em 2003 é criada a Secretária Especial da Política para as Mulheres (SPM), com *status* de ministério e ligada à Presidência da República; no mesmo ano foi criada a Secretaria Especial a Políticas da Promoção de Igualdade Racial (Seppir), com *status* de ministério e com foco na mulher negra; 2008 a Conferência Nacional de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais; e em 2010 criou-se o Memorial da Mulher Brasileira.

Resultados de algumas eleições para visualizar a representação feminina, (Tabelas 5 e 6)

Tabela 5 - Candidatas e eleitas para as Assembleias Legislativas – 2002, 2006, 2010

	2002	2006	2010
Porcentagem de candidatas	14,76	14,09	21,28
Porcentagem de eleitas	12,5	11,06	12,9

Fonte: Venturi; Godinho (2013)

Tabela 6 - Candidatas e eleitas para a Câmara Federal – 2002, 2006, 2010

	2002	2006	2010
Porcentagem de candidatas	11,41	12,71	21,28
Porcentagem de eleitas	8,2	8,8	8,8

Fonte: Venturi; Godinho (2013)

Embora as candidaturas tenham crescido, o número de eleitas permaneceu como antes (Alvares, 2008).

Baseado nas tabelas 13 e 14, é possível perceber que ainda há uma barreira para a entrada da mulher nos espaços políticos, na qual, no plano eleitoral, configura uma representação não democrática, observa Avelar (2013).

Segundo a autora Matos (2013) essas questões nos revelam que as relações de gênero ainda estão presentes na cultura política do país, apesar de ambos os sexos reconhecerem a importância da política e de como ela afeta a vida pessoal da sociedade. Identifica-se que no Brasil o campo do eleitorado brasileiro tem seus valores e percepções construídos em certa cultura política e de gênero que perdura

ainda uma opinião conservadora e tradicional sobre políticas públicas e o espaço da mulher na sociedade. Os valores patriarcais ainda são sólidos no país, ainda separando e hierarquizando a esfera pública/política com sendo comum aos homens e a esfera privada/doméstica com espaço comum da mulher. Mecanismos enraizados que permeiam as ações e percepções dos sujeitos sociais.

E segundo a autora Moriére (2013), fatos como a construção social dos papéis de gênero e a divisão sexual e a delimitação das áreas de atuação de um determinado sexo, ajudam a explicar a modesta participação das mulheres nas áreas de atuação política-eleitoral, fatores que construíram barreiras que dificultam o acesso aos poderes Executivo e Legislativo. Para Hirata e Kergoat (2007):

“A divisão sexual do trabalho é a forma de divisão social decorrente das relações sociais entre os sexos; mais do que isso, é um fator prioritário para a sobrevivência da relação social entre os sexos. Essa forma é modulada histórica e socialmente. Tem como características a designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apropriação pelos homens das funções com maior valor social adicionado (políticos, religiosos, militares etc.)
(VENTURI; GODINHO, 2013, p.368)

Segundo o PNAD (Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios), 2010, as mulheres são predominantes, no que se refere aos afazeres domésticos, representam 95% das pessoas envolvidas nessa tarefa, e destas 61% são mulheres negras.

A autora Santos (2013), nota a sub-representação da mulher negra no espaço da política pública brasileira, sofrendo dupla resistência ao acesso a esses espaços, pois está condicionada por uma estrutura de opressão de raça e gênero.

“Além de desigualdades socioeconômicas, a opressão de gênero e raça produz também a violência simbólica. A violência simbólica é aquela que, segundo Bourdieu (1999), não restringe a relações coercitivas visíveis que impliquem o uso da força física, operando também no nível da linguagem e do simbólico, disseminadas pelas diversas instituições. Essas violências se traduzem imagens e concepções que consideram as mulheres negras feias, sujas, preguiçosas, hipersexualizadas, burras, resistentes à dor e o cansaço físico etc.”
(VENTURI; GODINHO, 2013, p.371)

Este tipo de violência que atinge as mulheres negras tem por consequência o valor social em que ocupam na sociedade. Suas figuras se tornam pouco atraentes para os partidos políticos, na qual visam cativar o público e assim adquirir votos.

A autora Santos (2013) faz uma ressalva quanto a democracia brasileira, um sistema político e eleitoral ultrapassado que está contaminado pelo patriarcado, racismo e sexismo, precisando de uma ampla e profunda reforma para que grupos oprimidos possam alcançar a paridade e equidade democrática do poder e se fazer representar.

“O homem nasce com liberdade; a mulher tem que conquistar a liberdade”, resume uma das entrevistadas na pesquisa “Mulheres brasileiras nos espaços público e privado” (2013), da FPA (Fundação Perseu Abramo), em parceria com o Sesc.

O feminismo não é somente feito para mulheres. O feminismo busca emancipar a mulher de ser o “outro”, o “segundo sexo”, a equidade de gênero, a amplitude além do binarismo. Causar uma luta por uma sociedade plural, luta pela contribuição da mulher e reconhecimento em sociedade, busca uma convivência harmônica entre sexos, raças, etnias, culturas, diferenças, por um benefício mútuo, construir uma sociedade que consiga abranger o máximo de multiplicidades.

3 O QUE SÃO HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Will Eisner sugere uma breve definição de quadrinhos que seria: arte sequencial. Um bom começo, segundo McCloud (2005), pois é uma definição neutra que não exclui estilos, qualidade ou assuntos. Mas para esclarecer esse termo McCloud amplia sua definição:

“Histórias em Quadrinhos s. pl., usado com um verbo. 1. Imagens pictóricas e outras justapostas em sequência deliberada destinadas a transmitir informações e/ou a produzir uma resposta no espectador.” (MCCLOUD, 2005, p.9)

3.1 LENDO QUADRINHOS E SEUS ELEMENTOS

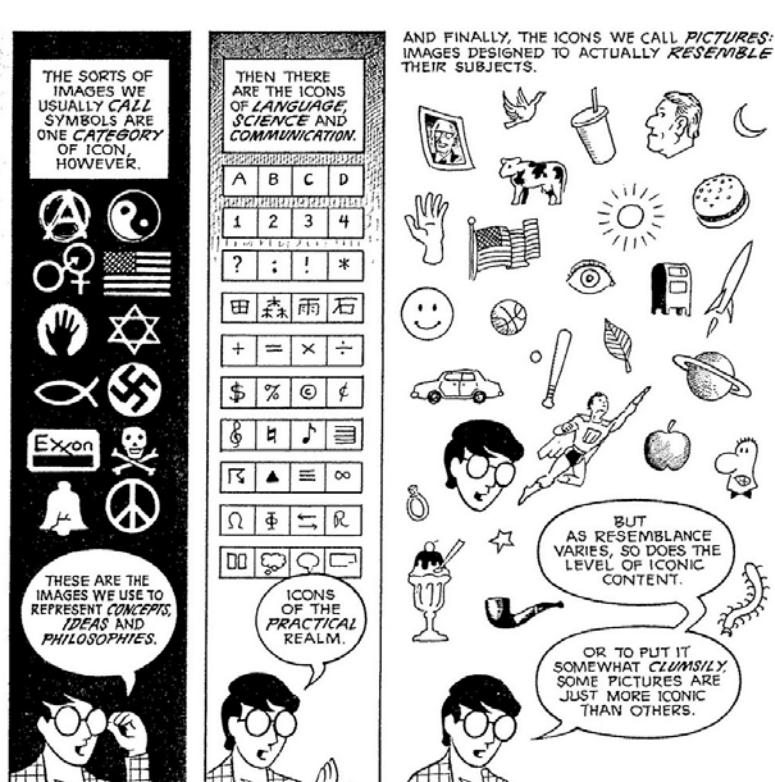
McCloud (2005) sugere a palavra “ícone” como sendo qualquer desenho usado para representar um local, uma pessoa, um objeto, coisa, uma ideia. Aqui considera também as palavras, que entra em uma categoria de ícone, que seria

linguagem de ciências e de comunicações. E essas sobreposições se transformam em uma leitura de compreensão estética de esforço intelectual.

“Em sua expressão mais simples, os quadrinhos empregam uma serie de imagens repetitivas e símbolos reconhecíveis. Quando são usadas vezes e mais vezes para expressar ideias semelhantes, tornam-se uma linguagem – uma forma literária, se preferir. E é essa aplicação disciplinada que cria a “gramatica” da arte sequencial.”
(EISNER, 2º tiragem 2015, p.2)

3.1.1 Figuras e Palavras

Conforme McCloud (2005), os ícones são todos e quaisquer imagens, que contem categorias; **símbolos** que representam conceitos e ideias; **Linguagem das ciências e de comunicações**; e **figuras**, que são imagens criadas a partir da semelhança de seus reais. (FIGURA 1)



27

Figura 1 – Ícones

Fonte: McCloud, 2005.

Conforme Eisner (2015), para entender uma imagem é necessário um compartilhamento de experiências e requer que o artista compreenda isso.

A tipografia ou o letreiramento é essencial no decorrer das histórias em quadrinhos, pois ela acompanha as figuras e possui uma ideia, sugestão de som ou emoção, funcionando como uma ligação na narrativa. Contudo, segundo Eisner (2015), é possível contar uma história sem nenhum tipo de diálogo, o que faz a ação ser mais intensa (FIGURA 2).

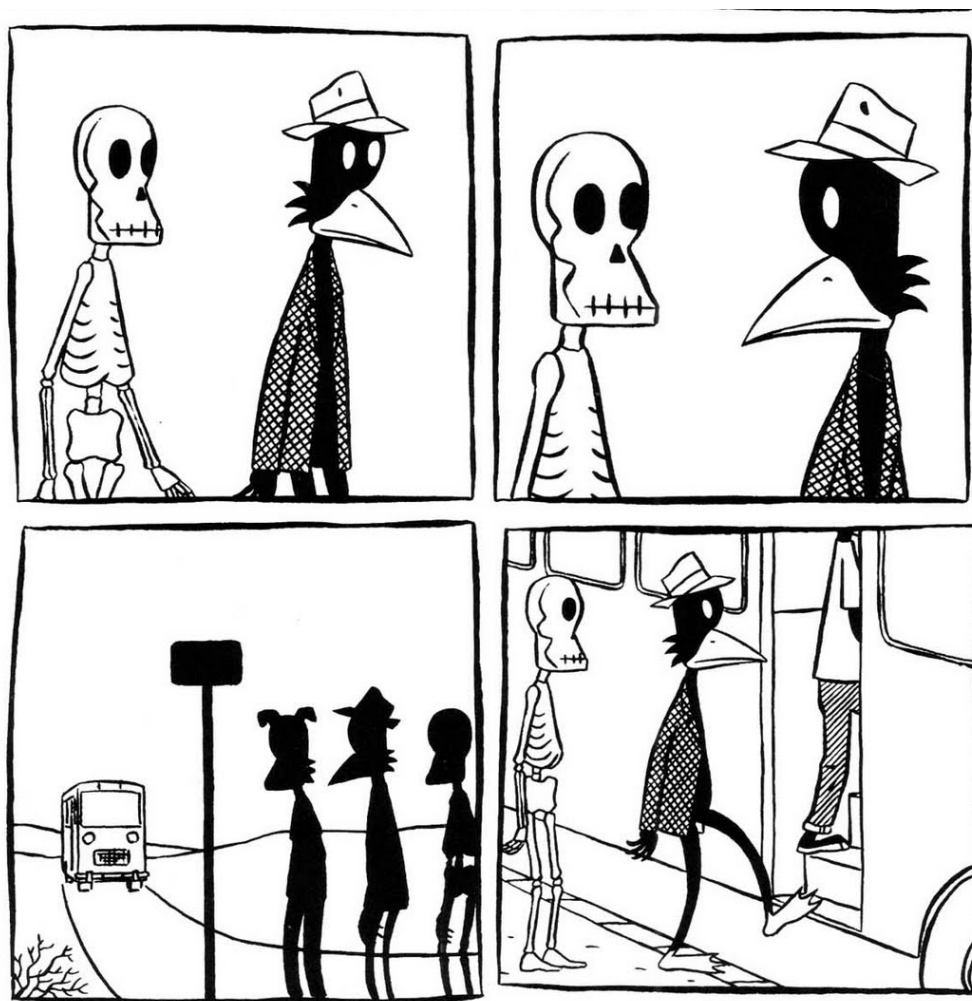


Figura 2 - SSHHHH

Fonte: Disponível em <<http://www.vitralizado.com>> extraído 12 de setembro de 2017.

3.1.2 O Quadrinho

Segundo Eisner (2015), basicamente a sequência de quadrinhos é para expressar a passagem de tempo. Também funciona como um mecanismo de limitação da arte sequencial, dispositivo de controle de elementos usado pelo autor, que seleciona os elementos a serem usados na sua narrativa. Funciona também como uma espécie de moldura, e essa moldura transmite ações, estilos e tempos diferentes.

No entanto, a ausência de requadro torna o espaço ilimitado (FIGURA 3). O requadro ou a “falta” dele é um elemento da cena. Ele também expressa algo contribuindo para a narrativa, segundo Eisner (2015).

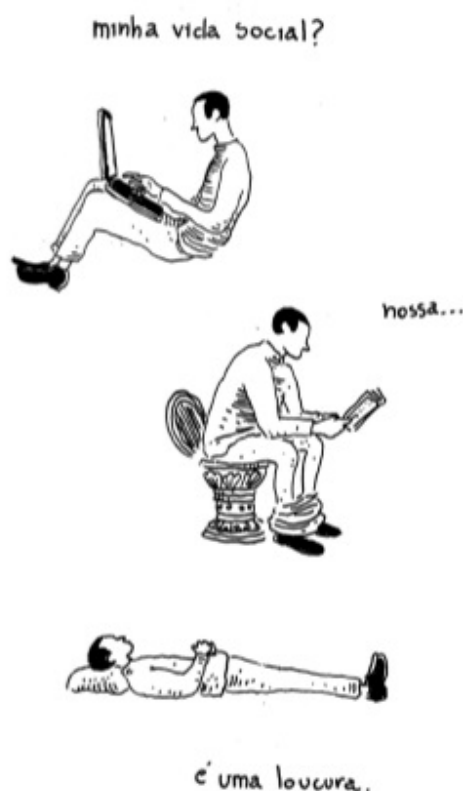


Figura 3 - Quadrinhos insones, Diego Sanchez

Fonte: Diego Sanchez, Quadrinhos insones (2016); p.18.

Conforme McCloud (2015), a base dos quadrinhos é a visão e percepção, criada a partir da gama de possibilidades da iconografia visual, que engloba vários tipos de estilos e linguagens. Uma combinação de tempo e espaço com possibilidades infinitas em suas múltiplas facetas.

4 HISTORIA DAS HISTORIAS EM QUADRINHOS

A narrativa figurada é muito mais antiga do que se imagina. Segundo Goida (2011), no século XX, artistas como o suíço Rodolphe Topffer, o alemão Wilhelm Busch e os franceses Caran D'Ache e Christophe popularizaram a narrativa por meio das imagens. Apesar de usarem as imagens cercadas por “quadrinhos”, o texto ficava fora dele. Esse foi o primórdio das histórias em quadrinhos.

4.1 BREVE HISTÓRIA DAS HQS

Segundo o livro de Sônia M. Bibe Luyten (1984), as origens das HQs se encontram na Europa. Foi onde surgiram as técnicas de reprodução gráfica que facilitou a junção da imagem com o texto. Mas foi na imprensa dos EUA que surge em 5 de maio de 1895, Richard Felton Outcault ao desenhar *Hogan's Alley* conhecido como *The Yellow Kid* (FIGURA 4), considerado o pioneiro dos quadrinhos modernos, e assim entra para a história, onde seu personagem falava em *balloons*, da forma como conhecemos hoje.



Figura 4 - The Yellow Kid

Fonte: Disponível em < ahistoriadascosas.wordpress.com > acesso 12 de setembro de 2017.

A partir desse momento, os jornais passaram a adotar massivamente as narrativas ilustradas, que continham humor e alegria, e que ficaram conhecidas como *comics* nos EUA.

Segundo Luyten (1984), a década de 1930 é considerada a “idade de ouro” dos quadrinhos com lançamentos como *Tarzan* e *Buck Rogers*, considerados um marco das publicações das *comics*. Esse foi o começo da era de ouro dos quadrinhos. Desde então inúmeros personagens surgiram e novos gêneros também, entre esses personagens nasceram Mandraque, o mágico; Phanton; Flash Gordon. (FIGURA 5)



Figura 5 – Phanton, Mandrake, Flash Gordon

Fonte: Disponível em < www.eyesskyward.com/forum/showthread.php?1919-The-Phantom-Ghost-who-walks.&p=195552 > acesso 12 de setembro de 2017.

No fim da década surge outro marco, com o lançamento da *Action Comics* (FIGURA 6) em formato de *comic book*, em 1938, com o personagem *Superman*, criação dos jovens Jerry Siegel e Joe Shuster. Após um ano foi criado outro personagem icônico. Nasceu na revista *Detective Comics* em maio de 1939 o *Batman* (FIGURA 7), autoria de Bob Kane. A fama desses heróis foi o estopim para a criação de diversos personagens na mesma categoria de super-heróis, a qual, muitos famosos outros nem tanto, cada um com suas particularidades.



Figura 6 - Action Comics

Fonte: Disponível em < g1.globo.com > extraído 12 de setembro de 2017.



Figura 7 – Detective Comics

Fonte: Disponível em < dc.wikia.com/wiki/Detective_Comics_Vol_1_27 > extraído 13 de novembro de 2017.

Com o advento da Segunda Guerra Mundial, muitos enredos de histórias em quadrinhos de super-heróis foram vinculados a esse momento. Muitos deles defendendo e carregando ideologias nacionais, respectivamente aos seus países.

Em 1940, outra figura do mundo dos quadrinhos surge. O quadrinista Will Eisner, que criou *The Spirit* (FIGURA 8), uma inovação para a época em termos de

apresentar uma linguagem e narrativa diversificada em comparação com as outras histórias em quadrinhos do mercado.



Figura 8 - The Spirit

Fonte: Disponível em < br.pinterest.com > extraído 12 de setembro de 2017.

Enquanto isso, na Europa, até a Segunda Guerra, os quadrinhos produzidos naquela região eram basicamente consumidos por eles mesmos. Após a Guerra de 1945 começou a exportação dos quadrinhos Europeus. Um exemplo foi o sucesso do personagem *Tintin* (FIGURA 9) do belga Hergé.

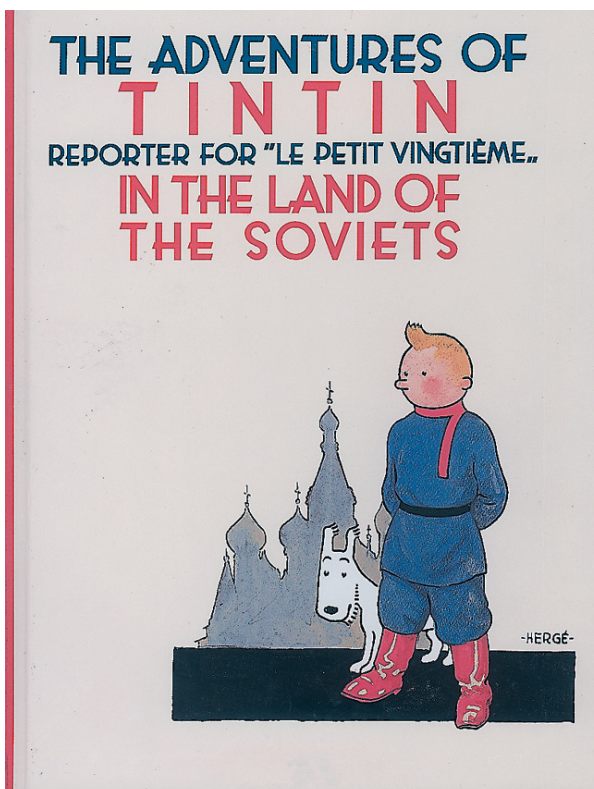


Figura 9 – Tintin

Fonte: Disponível em < tintin.wikia.com/wiki/ > extraído 12 de setembro de 2017.

No ano de 1942 nasce uma importante revista dos EUA e de um humor ácido, a *Mad* (FIGURA 10), se tornando um fenômeno americano e posteriormente mundial.

Segundo a autora Luyten (1984), após o fim da Guerra, os quadrinhos começam a sofrer ataques e ameaças de censura por conta do seu conteúdo e ensinamentos “desviantes” dos bons costumes e da boa educação. Em 1954 sofrem um colapso e entra em decadência depois da publicação do livro *Seduction of the Innocent* do psiquiatra Frederic Wertham, onde ele já trabalha sobre o tema desde 1948, na qual o conteúdo do livro denunciava que as histórias em quadrinhos eram o motivo da delinquência juvenil. Nesse momento foi criado o *Comics Code Authority* (FIGURA 11), um selo de aprovação onde as histórias em quadrinhos deveriam passar pelo processo de aprovação do comitê *Comics Magazine Association of America* (CMAA), que era supervisionado pelo Charles F. Murphy. Se aprovado pelos padrões de ética do comitê, a revista teria permissão de ser distribuída para venda mediante um selo que constaria na sua capa. Selo que só irá cair mais tarde, quando intelectuais do mundo todo recolocam as HQs no seu lugar.

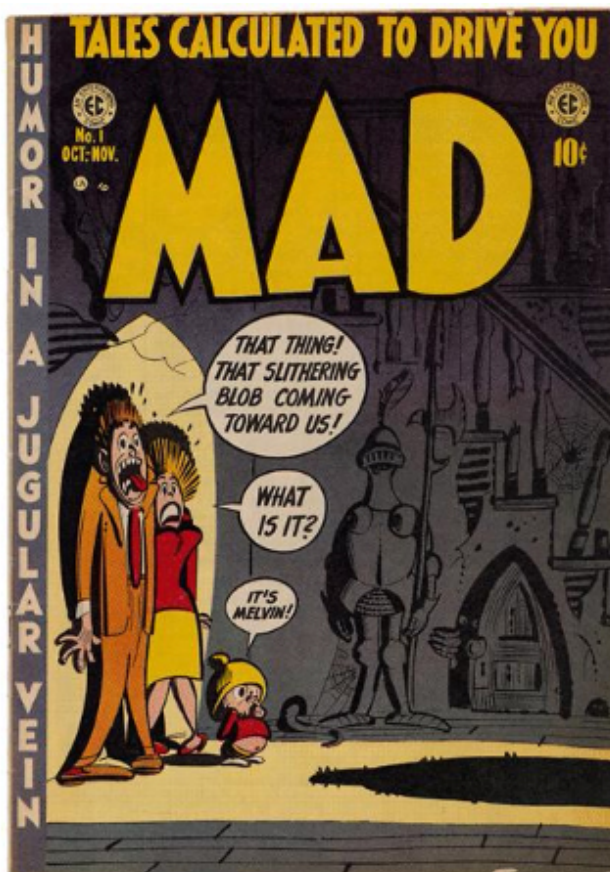


Figura 10 - Primeira revista Mad

Fonte: Disponível em < catalog.archives.gov > extraído 12 de setembro de 2017.



Figura 11 - Comics Code Authority

Fonte: Disponível em < terrazero.com.br > extraído 12 de setembro de 2017.

Em meados da década de 1960 começaram a surgir as publicações independentes: as revistas underground, os fanzines, sem vínculos com as

associações ou as editoras, e fundam seu próprio movimento. Aparecem as heroínas, certamente como reflexo dos movimentos feministas. Surgiram autores como Robert Crumb, Gilbert Shelton e S. Clay Wilson. Nas suas publicações, eles desafiavam as censuras que o comitê impôs às comics, onde desenhavam livremente sobre sexo, drogas, violência, críticas ao governo, assim abrindo caminho para os quadrinhos adultos. Em 1962, na Europa, Jean-Claude Forest criou a personagem Barbarella, uma heroína sexy de ficção científica direcionada ao público adulto. Nessa leva surgiram nomes como Guido Crepax, Georges Pichard e Georges Wolinski com seus quadrinhos eróticos.

4.1.1 HQs no Brasil

Segundo Sônia M. Bibe Luyten (1984), a questão sobre o surgimento das histórias em quadrinhos é muito discutida. Como exemplo está o italiano radicado no Brasil, Angelo Agostini, considerado por muitos pesquisadores como o criador do primeiro personagem de quadrinhos, *Nho-Quim*, em 30 de janeiro de 1869. Hoje, essa data é conhecida como o dia do Quadrinho Nacional. Em 1905 surge a primeira publicação de quadrinhos destinada ao público infantil, a revista *O Tico-Tico* (FIGURA 12).

Em 1934, o jornalista Adolpho Aizen revolucionou o mercado editorial e das histórias em quadrinhos ao lançar o *Suplemento Juvenil* no jornal *A Nação*, porta de entrada de histórias em quadrinhos importados. No suplemento de Aizen foram lançados no Brasil títulos como Flash Gordon, Mandrake, Tarzan. Surge em 1937 o concorrente de Aizen, Roberto Marinho com *O Globo Juvenil*, que em 1939 consegue contrato exclusivo com o King Features Syndicate, tomando quase todos os sucessos do *Suplemento* de Aizen.

Na década de 1940 aparecem alguns textos e desenhos de artistas nacionais, mas ainda com influência estrangeira, principalmente dos americanos. Então, em 1945 Aizen funda a Editora Brasil América (EBAL), editora que transformava obras literárias nacionais em quadrinhos. No ano de 1950 surge Victor Cevita com a Editora Abril, lançando as histórias de Walt Disney como o *Pato Donald* e *Mickey*.

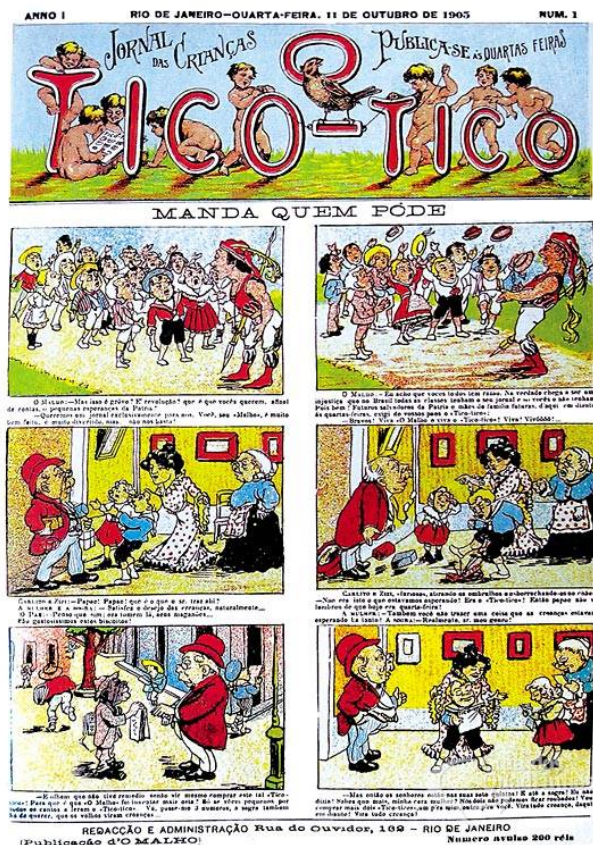


Figura 12 - O Tico – Tico

Fonte: Disponível em < www.guiadosquadrinhos.com > extraído 12 de setembro de 2017.

Apenas em 1960 aparecem histórias e personagens típicos do Brasil, O Pererê, de Ziraldo, com representações da nossa cultura e dos costumes.

Mas os artistas brasileiros ainda não tinham muito espaço no mercado nacional de quadrinhos, e foi nas décadas de 1970 e 1980 que nas tiras de jornais surgiram nomes como Henfil, Angeli, Glauco, Paulo Caruso, Laerte, Fernando Gosales. Desses artistas surgem as revistas *Chiclete com Banana*, *Circo*, *Geraldão*, *Níquel Náuse* e *Piratas do Tietê*.

Mas os preferidos das editoras ainda eram os sucessos internacionais e publicações voltada para as crianças, como os sucessos de Mauricio de Souza e a quadrinização de famosos da TV, como Xuxa, Os Trapalhões, Angélica, entre outros.

Ao final dos anos 1990 início do século 21 foi o começo da exploração e infinidades da internet. Autores e artistas passaram a publicar material nas redes em seus próprios sites, blogs ou páginas pessoais para que seus trabalhos fossem

vistos e reconhecidos, a fim de atingir um público maior, podendo ser descobertos por mais leitores e até mesmo editoras.

Sobre os quadrinhos no Brasil, Luyten (1984) conclui que as poucas produções nacionais a veicularem pelo país eram reflexos das produções estrangeiras.

5 FANZINE

Conforme no livro de Henrique Magalhães (1993), os fanzines, termo gerado a partir das palavras inglesas fanatic e magazine, surgiram na década de 30 nos EUA. Surgiram como produções criadas de fãs para fãs, uma imprensa alternativa e consideradas amadoras. A partir da década de 70 com a ascensão da cultura punk, os fanzines foram adotados como o meio de expressão principal do movimento, o que fez com que os fanzines ganhassem fama e público. Um veículo de livre expressão, onde seus autores expunham suas ideais, críticas, ideologias e sua arte autoral. Por ser uma produção pessoal, os fanzines permitem experimentação, desde materiais, formatos, plataformas, estética, sem regras ou censura. Seu método de impressão básico era fotocópia ou mimeógrafo, suas tiragens eram poucas e sua periodicidade irregular, pois carrega o caráter de não ser uma mídia comercial e sim uma mídia de distribuição gratuita. Também havia trocas de fanzines ou vendas a preço de custo.

À margem da produção comercial, os fanzines eram compostos de recortes de revistas, desenhos autorais, colagens, sem preocupações com direitos autorais ou com restrições ao seu produto. Os gêneros mais comuns nos fanzines eram de ficção científica, música e quadrinhos.

No Brasil, um dos pioneiros foi Edson Rontani que lançou o fanzine *Ficção* em 1965. Com a popularização do uso das fotocopiadoras, foram surgindo mais publicações de fanzines pelo país. O grande polo de produção de fanzines se concentrava em SP, onde residiam as grandes editoras da época e conseqüentemente onde havia mais consumidores. Com o aprimoramento gráfico e dos métodos de impressão, em 1984 surgem muitas produções novas, atingindo o auge dos fanzines no Brasil, destaques para a produção dos estados da Bahia, SP e Rio Grande do Sul. A maioria eram publicações em torno do tema sobre quadrinhos.

Em 1986, a produção de fanzines entra em crise devido à queda na economia do país e o aumento nos custos de produção. Sua produção exigia certa dedicação, um fanzine pode ser produzido individualmente, na qual a pessoa ficaria encarregada de todo o processo de criação e produção do material, ou pode ser montada em grupo, sendo produzido por divisões de tarefa, o que dificultava ainda mais em tempo de crise. Geralmente são criações amadoras, de alcance limitado. No caso de um fanzine físico, o alcance seria diferente para um fanzine digital. Sua distribuição não tem fins lucrativos, é um meio de disseminar ideias e opiniões, e por esse motivo seu formato e volume prezam pela economia, enquanto sua periodicidade e tiragem são irregulares, o que dificultava ainda mais em tempo de crise.

Magalhães (1993) conclui que as produções de fanzines é “uma arte autêntica”. Um veículo que desenvolve a visão crítica dos envolvidos.

6 CARTILHA QUADRINIZADA

As HQs possuem muitas vertentes a serem exploradas e estudadas. As cartilhas quadrinizadas, segundo Sarro (2009) tem suas origens nas Bíblias dos Pobres, essa que ficou conhecida no século XV pois continham muitas imagens e assim ficaram populares entre os menos favorecidos. Linguagem inspirada nos vitrais e nas pinturas sacras que compunham a arquitetura dos templos da antiguidade.

Segundo Sarro (2009) as HQs são um meio de comunicação de massa da indústria cultural. Como já comentado no capítulo quatro, em meados do século XX os quadrinhos sofrem perseguição e censura por serem considerados uma leitura prejudicial a juventude. Mas por volta das décadas de 30 e 40, na Europa, nota-se que a linguagem dos quadrinhos é uma ferramenta cativante para a educação e na hora de difundir informações, desempenhado uma função útil que vai além da de entreter.

Conforme discorre Sarro (2009) conforme a demanda aumenta muitos cartunistas começam a trabalhar na produção de quadrinhos informativos para grandes organizações, um meio de comunicação visual acessível em grande escala. Nos EUA o Will Eisner desenvolveu um trabalho para o exército Americano, uma revista militar em quadrinhos para instruir tropas com homens que tiverem pouco acesso aos livros facilitando o seu entendimento por meio da leitura visual dos quadrinhos. Já no Brasil decorrente da industrialização, nas décadas de 40 e 50 as

HQs despontam na parte de comunicação das empresas, mas é a partir da década de 90 que seu uso é intensificado, pois quebra barreiras de comunicação entre as hierarquias das grandes empresas, resolvendo o problema de repertório das várias camadas de hierarquia que nossa cultura produziu e que reflete dentro das organizações. Dando início assim aos quadrinhos de treinamento, um método que facilita a leitura, otimiza a informação e prende a atenção do leitor.

Depois de superar seu status de literatura menor, os quadrinhos são utilizados como método instrucional tanto pelas organizações privadas quanto pelas instituições do governo para fins didáticos com temas variados que atendem a população e sua vida em sociedade. Segundo e Sarro (2009) as cartilhas de treinamento quadrinizadas são divididas em dois tipos: os “técnicos” e as “condicionadoras de atitudes”. A primeira tem como característica informar instruções técnicas, dados mais pontuais e exatos, usada para execução de algo, a exemplo de manuais de montagem seguindo uma sequência de etapas. Necessitando de uma linguagem próxima do mundo real para que o leitor consiga interpretar os elementos e executar a tarefa.

O segundo tipo de cartilha apresentado pelo autor Sarro (2009) é dirigido ao condicionamento de comportamento do leitor, afim de incentivar atitudes propostas pelo autor(a) da cartilha, assim por meio de identificação e assimilação do leitor a cartilha tem por objetivo influenciar sua conduta para que ela possa ser reproduzida na vida real.

Sendo os quadrinhos um produto cultural de massa e o design ligado as culturas de massa e da indústria cultural,

“No que diz respeito ao design gráfico, o conceito de design está ainda mais fortemente ligado à ideia de composição bidimensional, uma vez que os elementos gráficos devem estar organizados no espaço de tal forma que conduzam o olhar pelo trajeto que o designer estabeleceu para obter o fim desejado: comunicar uma ideia, transmitir um conceito, informar o persuadir. Permitindo pouca ou nenhuma interpretação diferente da esperada.”
(SARRO, 2009, p.129)

Sarro (2009) conclui que o design gráfico está relacionado a construção e estruturação das mídias visuais, planejamento de uma página, uma propaganda, a embalagem de algum produto, criação de marca ou logotipo, processos que necessitam de organização e equilíbrio.

7 DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

Levando em consideração as questões do feminismo e o conhecimento básico sobre histórias em quadrinhos, o projeto e seu conteúdo, assim como sua estruturação, será baseado no método descrito por McCloud, 2005. (FIGURA 13 e 14)

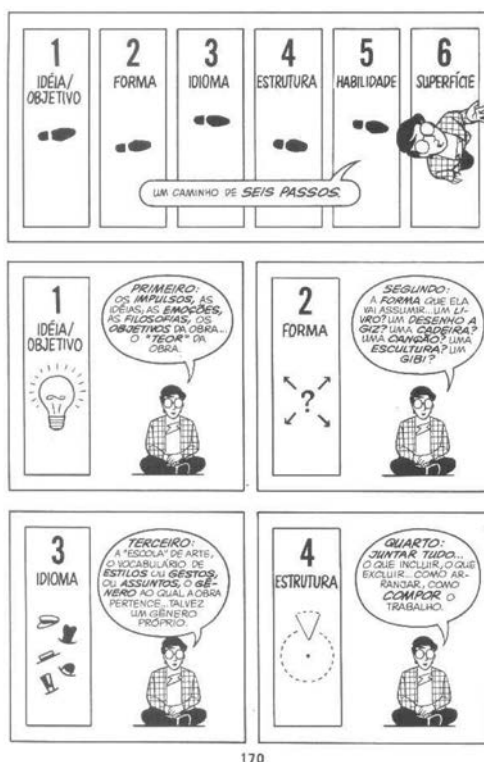


Figura 13 - McCloud, 6 passos

Fonte: McCloud, 2005.



Figura 14 - McCloud, 6 passos – parte 2

Fonte: McCloud, 2005.

O método descrito por McCloud (2005) é uma sequência de passos. O autor ressalta que esses passos são básicos e por isso importante no processo. Ao faltar ou ignorar uma etapa, sua arte sequencial fica falha, o que pode interferir na narrativa. No primeiro passo, **ideia/objetivo**, é definido o tema ou a essência do seu trabalho. A seguir no segundo passo é definida a **forma** que o projeto vai assumir. O terceiro passo sugere que seja estabelecido um estilo/vocabulário como forma de **idioma**. No quarto passo é compreendido como o momento de **estruturar** e compor o projeto. O quinto passo é o momento de realizar o trabalho e colocar o conhecimento e as **habilidades** em prática. No sexto e último passo é onde ocorrem os acabamentos e ajustes na **superfície**, os aspectos mais aparentes na primeira visualização do produto.

7.1 IDEIA / OBJETIVO

Foi definido o conteúdo do projeto como tema principal sendo construção de gênero, um eixo do feminismo. O objetivo é transmitir por meio da linguagem gráfica o conceito e esclarecer as questões do feminismo, sensibilizar e proporcionar reflexão nas questões de construção de gênero, baseado na pesquisa realizada no capítulo 2 deste documento.

7.2 FORMA

Mesclando o conteúdo sobre o feminismo direcionado ao público brasileiro e as estruturas básicas de quadrinhos, o produto final e sua forma final seria um fanzine direcionado as mulheres.

Para o desenvolvimento da peça gráfica foi essencial analisar projetos publicados por outras mulheres. O estudo e a pesquisa envolveram três quadrinhos e alguns fanzines: Magra de Ruim (FIGURA 15), de Sirlanney; Mulheres retratos de respeito, amor próprio, direitos e dignidade (FIGURA 16), de Carol Rossetti; Descontruindo Uma (FIGURA 17), escrito por Una e traduzido por Carol Christo; e quatro fanzines (FIGURA 18) entre autores desconhecidos e pseudônimos. Foram escolhidos por seus temas que envolvem mulheres e suas vivencias. Observou-se

nesses quadrinhos a linguagem usada, seus elementos, os ícones usados, como a tipografia se comporta e o quadrinho/moldura ou a ausência dele.

111



Figura 15 - Magra de Ruim

Fonte: Sirlanney

A autora relata vários acontecimentos da vida e pensamentos de uma mulher, seus desejos, suas vaidades e medos, sem ter de fato uma longa narrativa. Com um traço bem marcante e único, a autora brinca com os requadros e a ausência deles. Hora usa tipografia manual, hora usa digital, tornando a leitura bem dinâmica e fluida.

Na sua obra (Figura 16) a autora Rossetti (2015) aborda o feminismo de forma a incorporá-lo no dia-a-dia da mulher. Ela trabalha apenas com personagens femininas, que fomentam a discussão sobre o papel da mulher em sociedade e suas construções. Ela trabalha com uma ilustração por página como um quadro solitário, e conseqüentemente uma história por página. Usando bastante do recurso tipográfico que acentua sua figura e conseqüentemente sua história.

Desconstruindo Una (Figura 17) é uma narrativa sequencial densa, em termos de tema, fala sobre violência de gênero. Com um traço delicado e devastador, o uso e desuso do requadro é dinâmico, que agregam valor e sentimento no momento da leitura. A tipografia é única e contínua, um trabalho todo em preto e branco.



Figura 16 - Mulheres retratos de respeito, amor próprio, direitos e dignidade

Fonte: Carol Rossetti (2015)



Figura 17 - Desconstruindo Una

Fonte: Una (2016)

Ao analisar os fanzines (FIGURA 18), levou-se em consideração sua estrutura, o tamanho preferencialmente A6, impressos em preto e branco, a maioria em folha offset 90g/m², alguns contem grampo como forma de encadernação, outro feito com dobra e o ultimo apenas com folhas sobrepostas sem nenhum tipo de

encadernação. Observou-se também que a capa pode ser de papel, cor e gramatura diferentes do que se encontra no miolo do zine.



Figura 18 - Fanzines

Fonte: Autora (2017)

A análise de similares mostrou que os quadrinhos são versáteis. São várias as possibilidades de narrativa. Contudo, os elementos que o compõe precisam convergir para um mesmo ponto a fim de definir uma atmosfera e de orientar o leitor para a percepção do objetivo principal do autor.

A análise de similares que abordam os temas sobre mulheres foi necessária para entender como tratar sobre o assunto, como se comunicar com o público, quais linguagens e recursos foram usados referentes aos desenhos e da escrita. Com a temática fanzine conduzindo o produto final, foram trazidas suas principais características para a construção do projeto gráfico. Analisando sua estruturação

como papel, formato, impressão e encadernação. Dessa forma por conta das limitações de custo, o formato escolhido para o fanzine foi o formato A6, e sua impressão será em preto e branco facilitando a cópia e a distribuição, que será gratuita, assim aproveitando melhor o papel e minimizando gastos.

7.3 IDIOMA

Segundo McCloud, 2005, em “idioma” o autor procurar transmitir sua individualidade em busca da sua originalidade a fim de cativar o leitor (FIGURA 19).

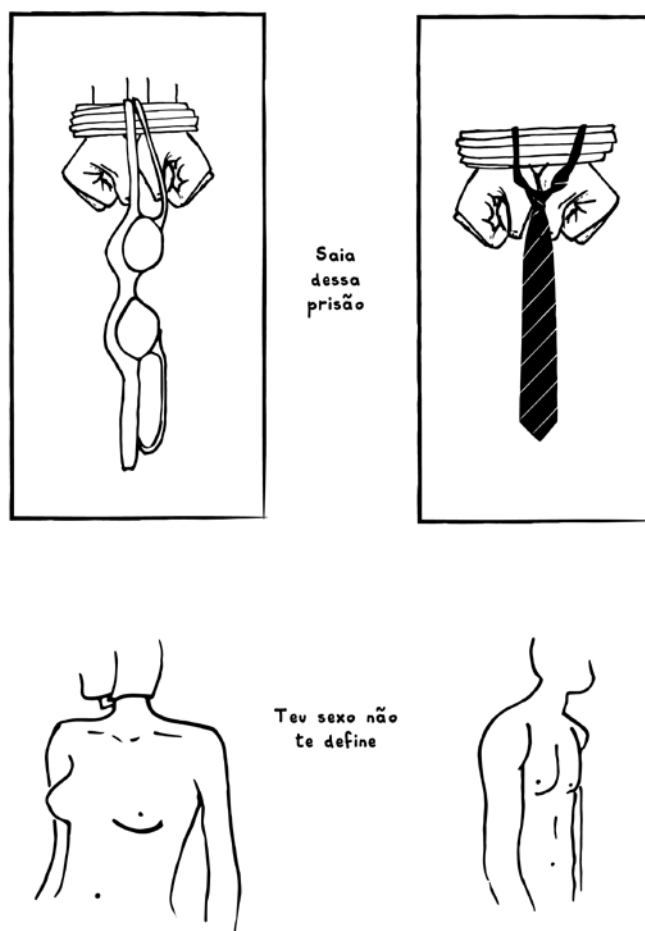


Figura 19 - Traço pessoal

Fonte: Autora (2017)

A linguagem e proposta da cartilha quadrinizada, citado no capítulo seis, é estimular a conduta da leitora ou do leitor. O zine em si já tem uma linguagem peculiar, diferenciada dos quadrinhos tradicionais. Buscou-se uma linguagem própria nos desenhos na qual se identifique e que consiga se expressar. A partir de um idioma pessoal, o trabalho será feito em cima das particularidades que um zine proporciona. Dessa forma, foi ilustrado na forma de pensar o preto e o branco, de forma que as ilustrações sejam compreendidas sem a necessidade de cores.

O traço autoral é feito manualmente e posteriormente é vetorizado. Apresenta um traço um pouco pesado, não possuindo linearidade.

7.4 ESTRUTURA

A estruturação basicamente consiste em compor o projeto. O trabalho será abordado com base nos estudos sobre feminismo e um dos temas abordados nesse estudo, a construção de gênero e como isso afeta as mulheres.

A tipografia escolhida foi a Comiquita Sans² projetada pela Fabiane Lima (FIGURA 20). Uma fonte não tão rígida e nem delicada, simulando uma tipografia manual de modo a agregar na narrativa.

A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z
a b c d e f g h i j k l m n o p q r s t u v w x y z
1 2 3 4 5 6 7 8 9 0

Figura 20 - Comiquita Sans

Fonte: Autora (2017)

Com uma textura diferenciada e boa legibilidade, a tipografia escolhida tem contraste, presença e se aproxima dos traços dos desenhos criando uma harmonia dentro da cartilha.

Com base nesses temas, se desenvolveram as páginas para compor a cartilha. O processo de desenvolvimento de cada arte / história em quadrinho

² Disponível em <dafont.com> acesso em 20 de setembro de 2017.

envolve três etapas básicas: **rascunho** (APENDICE I), onde a ideia é anotada e trabalhada; **composição**, onde a arte passa por uma construção e adaptação dentro da página, podendo ser manual ou digital, prevendo o layout final; **arte final**, com poucas modificações da etapa anterior, o desenho é finalizado digitalmente e transformado em vetor, trabalhado em um programa específico vetorial. Após inserindo a tipografia que foi definida, finaliza-se o processo e a ilustração. (Figura 21).

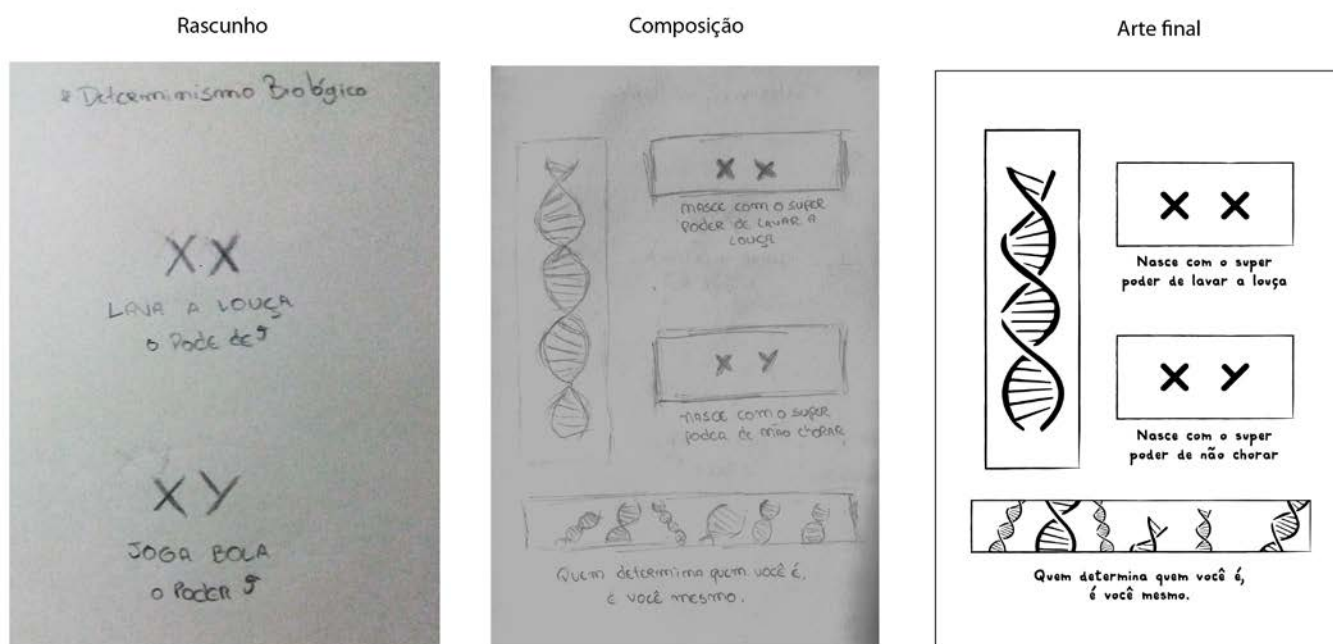


Figura 21 - Etapas
Fonte: Autora (2017)

A cartilha conta com uma sinopse no começo da leitura, a fim de situar e direcionar a leitura do espectador. (FIGURA 22)

O feminismo não é maligno
ele existe para que a mulher entenda
como se inserir em uma sociedade onde
parece que ela é uma intrusa. Esta zine
foi criada com o intuito de sensibilizar
a questão de construção de gênero, na
qual muitas mulheres se veem presas e
perdidas, esclarecer que não existe
certo ou errado e empoderá-las, cada
um dono das suas escolhas.

Mulheres, o feminismo existe para lhes
ajudar e ensinar!

Figura 22 - Sinopse

Fonte: Autora (2017)

7.5 HABILIDADE

Segundo McCloud, 2005, o mais importante é comunicar o leitor e se fazer entender. Não há “certo” ou “errado”, “feio” ou “bonito” no desenvolvimento do seu traço, mas a narrativa precisa se fazer entender, dar ritmo a história e assim realizar o trabalho.

O tema abordado na cartilha é uma discussão recorrente dentro do feminismo. As ilustrações têm o intuito de sensibilizar e chamar atenção, acompanhado de frases para facilitar o entendimento e a interpretação do (a) leitor (a) em torno do tema construção de gênero.

7.6 SUPERFÍCIE

“Os aspectos mais aparentes na primeira exposição superficial da obra”. McCloud, (2005).

Considerado parte importante de um projeto, sua superfície, no caso da peça gráfica, seria a primeira capa e a quarta capa, trabalhadas para dar introdução ao seu conteúdo e também uma forma de cativar o leitor (a). Conforme a análise de similares, o material definido para o fanzine foi o papel offset 90g/m². O mais comum entre esse tipo de publicação, papel de fácil acesso e de custo baixo. Sua encadernação será feita com apenas um grampo localizado no centro das folhas. A impressão será feita em folha A4, e para montar o zine é necessário refile e dobra.

A capa é uma escolha importante, afinal, é a primeira impressão do leitor, a fim de chamar atenção e instiga-lo a ler a publicação. A primeira alternativa foi uma capa simples de leitura imediata e intuitiva. (FIGURA 22)



Figura 23 – Alternativa de capa

Fonte: Autora (2017)

Percebeu-se que a ideia se mostrou simples demais e de uso saturado, comum e pouco atrativo. Desenvolveu-se então uma segunda alternativa, com um desenho mais suave, não tão obvio e ao mesmo tempo pouco complexo. (FIGURA 23).

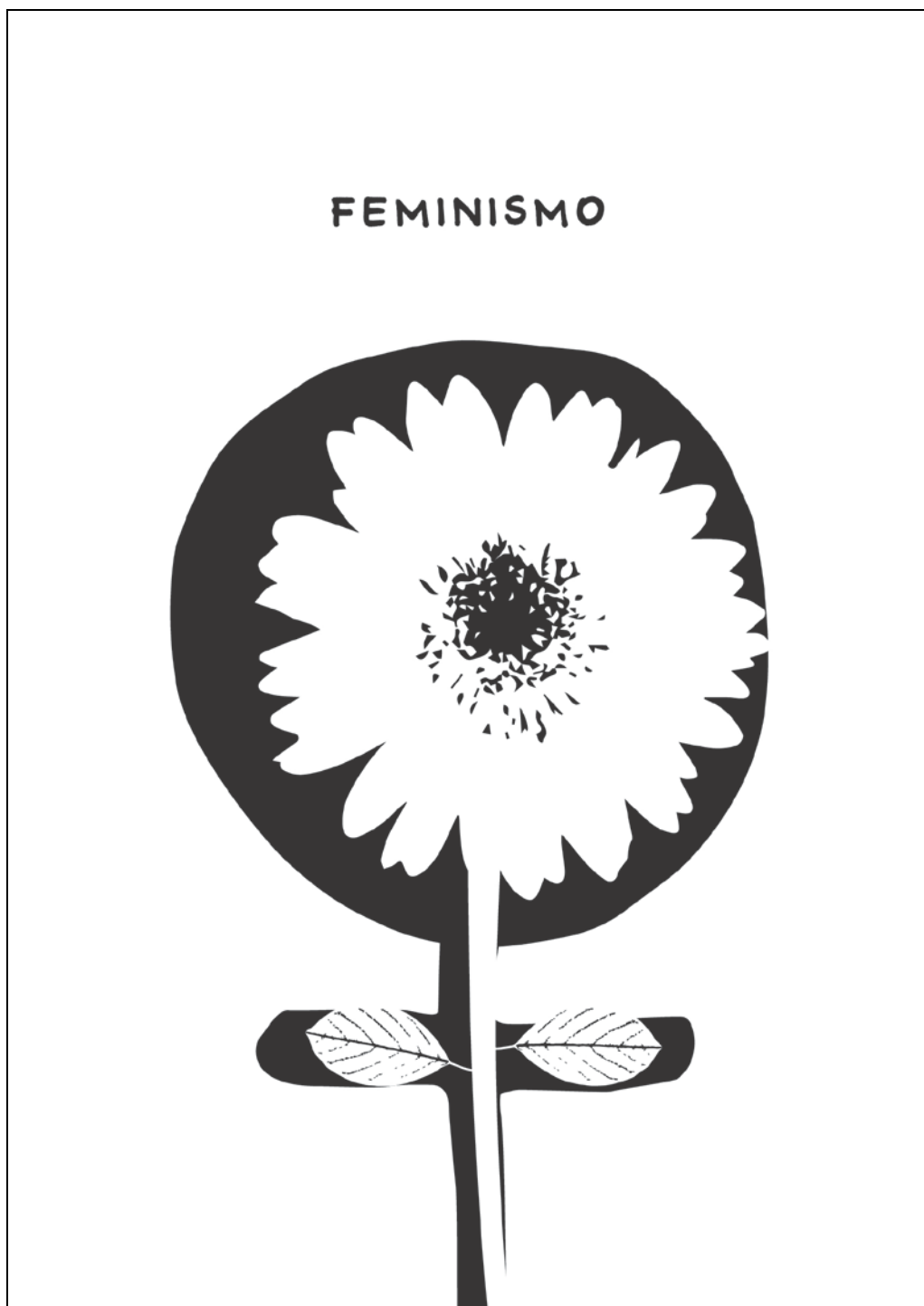


Figura 24 – Narrativa

Fonte: Autora (2017)

O conceito dessa capa é se aproximar do público, as mulheres, com uma ilustração familiar, no caso uma flor, de forma delicada e cautelosa. O título aparece de forma a contextualizar e situar sobre o tema abordado no fanzine.

Foram feitas algumas modificações na capa referente à figura 23. A versão final escolhida foi conforme (FIGURA 24). A fim de criar uma unidade visual na cartilha, a quarta capa é uma versão espelhada em negativo da capa, com o propósito de impactar e chamar a atenção do público.

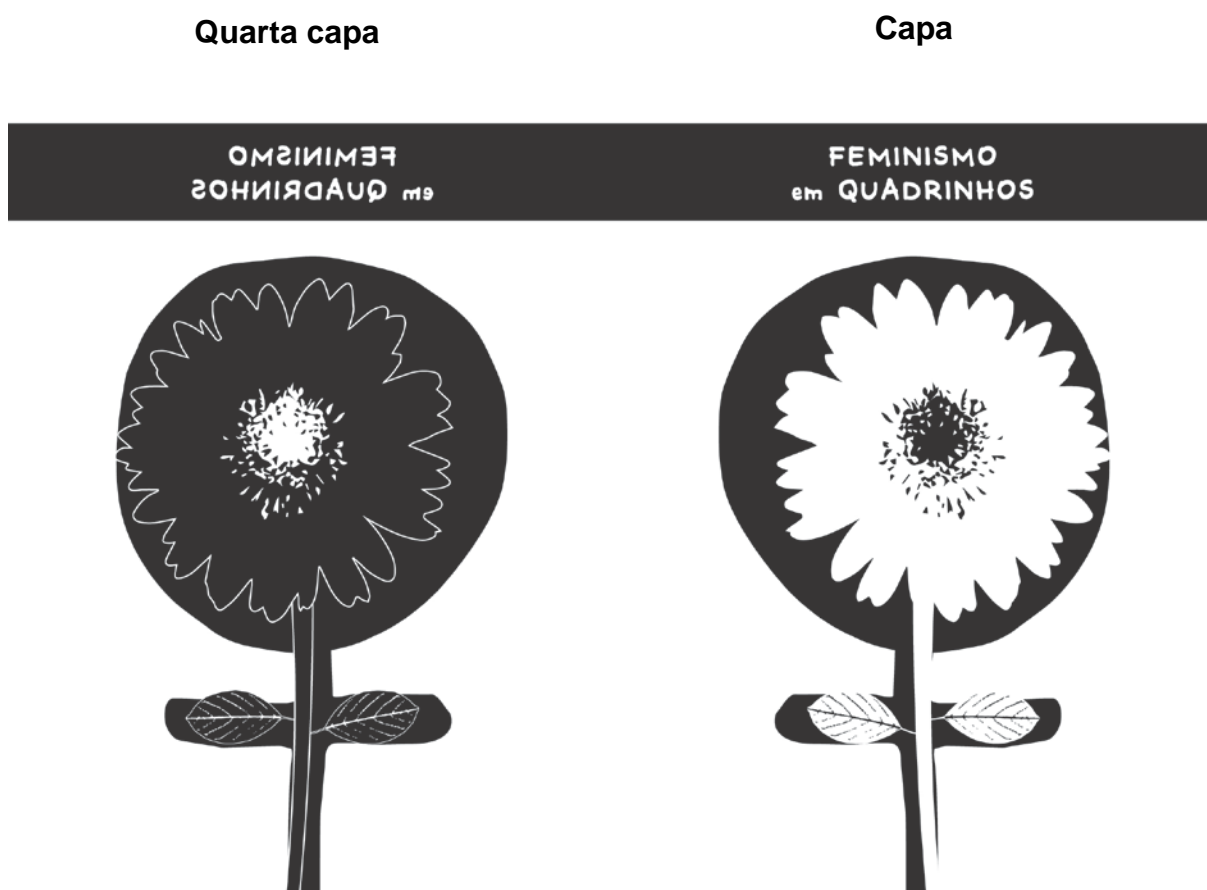


Figura 25 – Capa e quarta capa

Fonte: Autora (2017)

Feitos os testes de impressão (FIGURA 25), foi definida como produto final a opção com capa colorida e impressão em preto (FIGURA 26).



Figura 26 – Teste de impressão

Fonte: Autora (2017)



Figura 27 – Capas coloridas

Fonte: Autora (2017)

As capas serão de cores variadas, com o miolo em preto e branco (FIGURA 28,29,30,31,32 e 33).

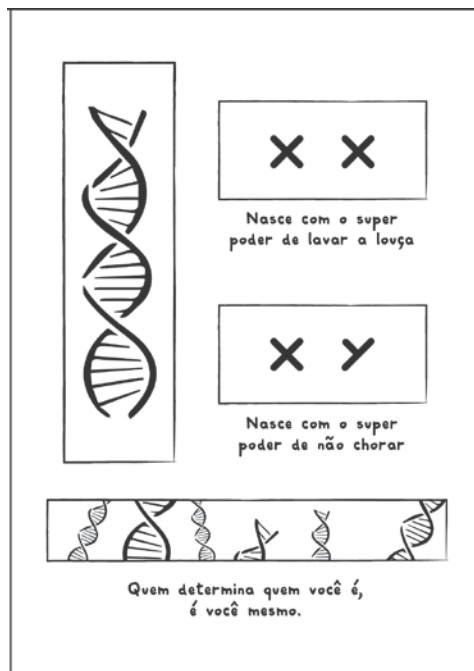


Figura 28 – Miolo, página 1

Fonte: Autora (2017)

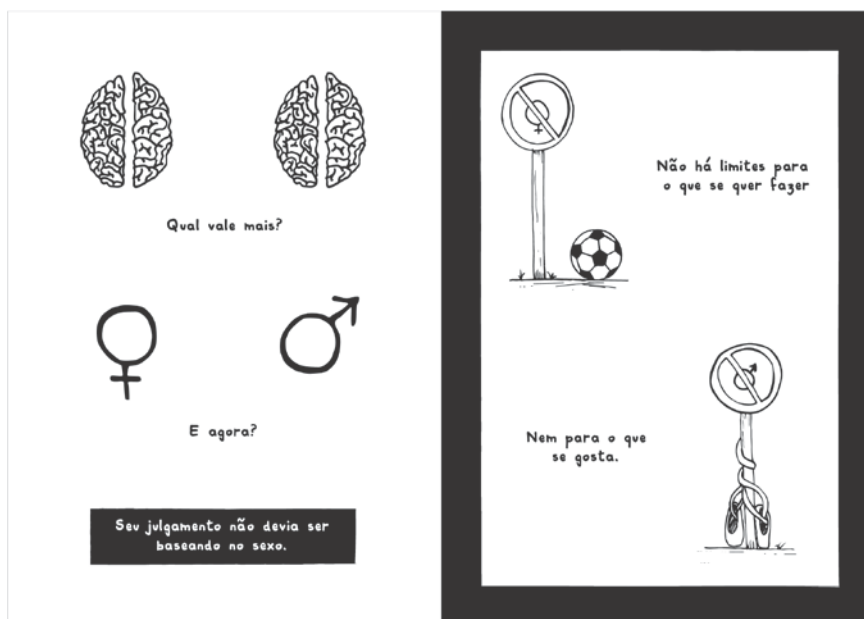


Figura 29 – Miolo, página 2 e 3

Fonte: Autora (2017)

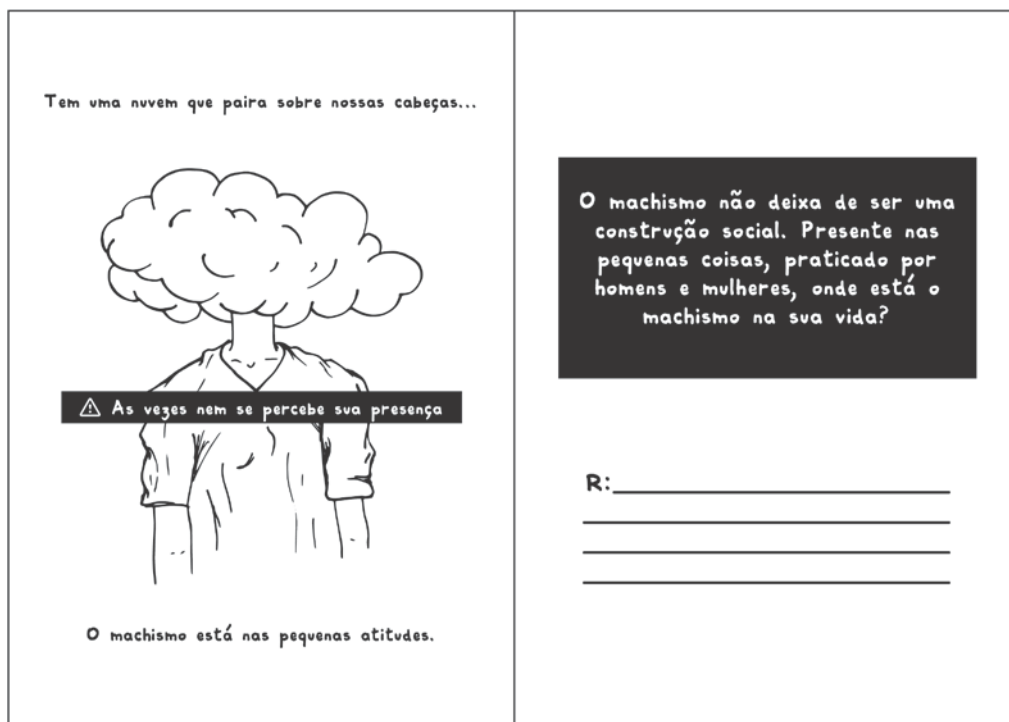


Figura 30 – Miolo, página 4 e 5

Fonte: Autora (2017)

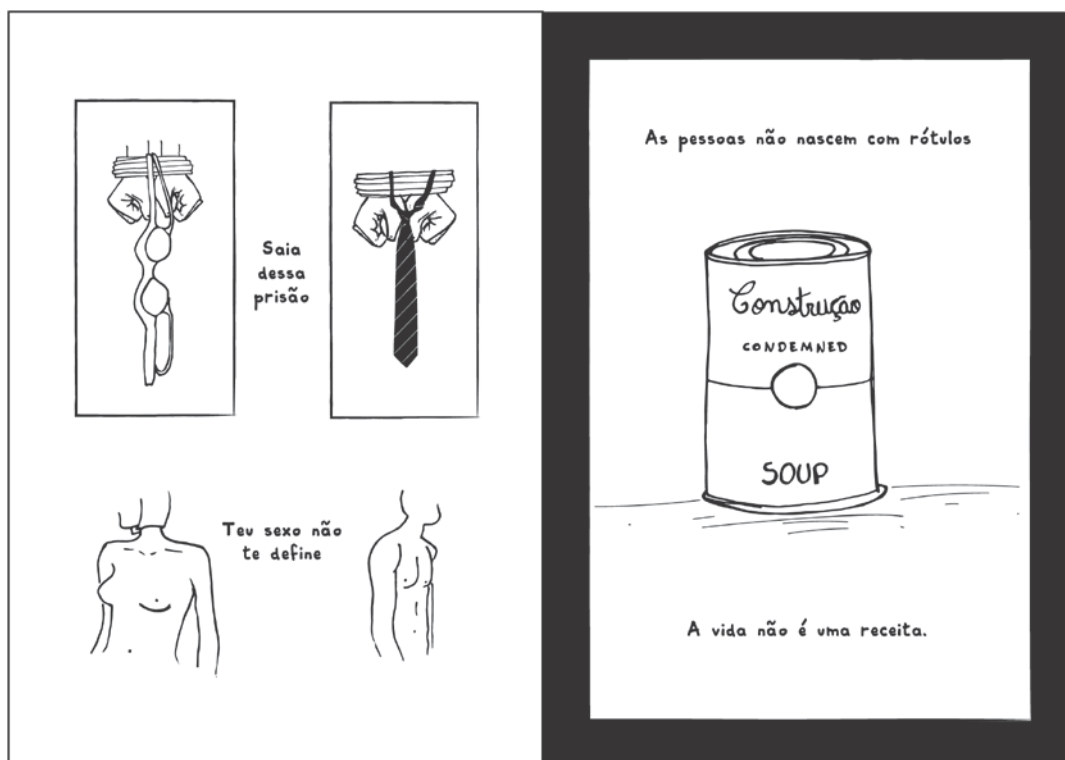


Figura 31 – Miolo, página 6 e 7

Fonte: Autora (2017)

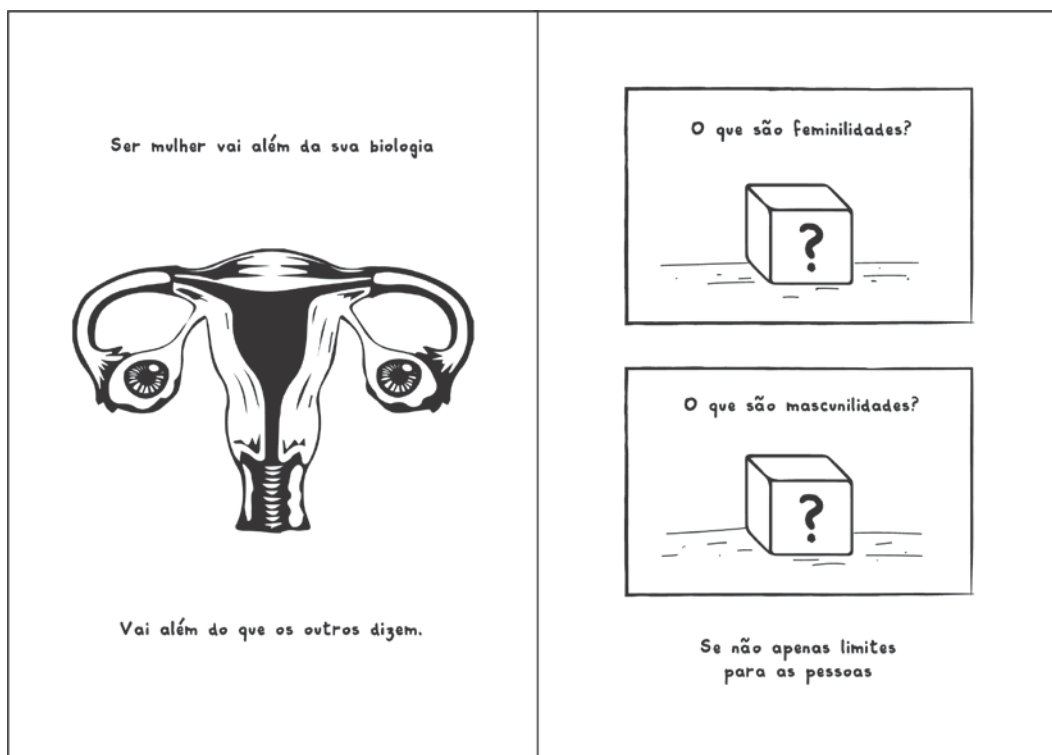


Figura 32 – Miolo, página 8 e 9

Fonte: Autora (2017)



Figura 33 – Miolo, página 10

Fonte: Autora (2017)

A diagramação completa para impressão em folha A4 consta no Apêndice I.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no que foi apresentado neste trabalho, é possível perceber que as pesquisas teóricas e referenciais foram essenciais para o desenvolvimento do zine. A pesquisa desenvolvida acerca do tema feminismo embasou todo o conteúdo do projeto gráfico, apresentado em uma cartilha ilustrada.

A construção de gênero foi um tema retirado da pesquisa e trabalhado no projeto gráfico da cartilha. Para maior embasamento, desenvolve-se uma linha de pesquisa histórica e estrutural sobre histórias em quadrinhos. Essa mesma pesquisa ajudou a definir qual a linha visual e disposição do projeto gráfico que seguiu a linguagem e estruturas dos fanzines, e nesse segmento de quadrinhos seguir-se para aplicar um padrão e identidade visual nas páginas criadas.

Nessa etapa se fez muito importante o aprendizado obtido com a pesquisa sobre as cartilhas quadrinizadas uma das ramificações dos quadrinhos e os fanzines, principalmente a respeito da sua estrutura e conceito, questões técnicas de como são utilizados os modos de cor, por exemplo. O conceito social e político que a história e o que os fanzines representam, na maioria das vezes com intuitos sociais e políticos.

Uma das maiores dificuldades enfrentadas foi a roteirização das páginas. Transmitir e segmentar uma ideia de um movimento tão abrangente como o feminismo para quadrinhos não é uma tarefa fácil, e as primeiras tentativas foram frustradas. Mas após muitos recortes dentro do feminismo, após as primeiras ideias, os rascunhos, o desenho e a arte-final, o processo se tornou mais fácil e claro.

O processo de produção gráfica não foi tão complexo, aplicando o aprendizado obtido em aula a respeito de processos gráficos e suas técnicas. Os protótipos foram impressos e fotocopiados em gráficas digitais, com o miolo em papel offset 75g/m² e a capa em papel color plus 180g/m² de cores variadas, com acabamento simples em grampo no centro da dobra.

Percebe-se que o desenvolvimento desse trabalho contribuiu para o crescimento teórico e prático, pois mesmo com todas as teorias sendo explanadas no curso de Tecnologia em Design Gráfico, quando se aplica o conhecimento para produzir algo real, vemos que muitos detalhes precisam ser aprendidos. O conteúdo da cartilha e foi desenvolvido para maiores esclarecimentos sobre o feminismo e a

construção de gênero, atingindo seu objetivo de fazer uma comunicação visual e social do assunto.

A conclusão tirada é que as vivências sociais não bastam para entender o contexto atual em que vivemos, sendo necessário pesquisar, buscar respostas, entender a história e como a cultura e sociedade se tornaram o que são hoje em dia, saber a história por trás do que fizemos.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. Companhia das Letras, 2015.

AUAD, Daniela. **Feminismo, que história é essa?** Rio de Janeiro DP&A, 2003.

BADO, Daniela. Dani Bado. 2014. Disponível em: <<http://danibado.tumblr.com/post/105442050454/desumanizacao-da-mulher>>. Acesso em: 20 de set. de 2017.

D'ÂNGELO, Helo. Revista Fórum. As Mulheres e os Quadrinhos, 2016. Disponível em: <<https://www.revistaforum.com.br/semanal/mulheres-e-os-quadrinhos/>>. Acesso em: 20 de set. de 2017.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte seqüencial**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Escritas.org. Disponível em: <<https://www.escritas.org/pt/t/16984/toda-a-educacao-da-mulher>>. Acesso em: 20 de set. de 2017.

FLORESTA, Nísia. **Direito das mulheres e injustiça dos homens**. Recife, 1832.

GOIDA; KLEINERT, André. **Enciclopédia dos Quadrinhos**. L & PM Editores, 2011.

LUYTEN, Sonia M. Bibe. **História em Quadrinhos – Leitura Crítica**. Editora Paulinas, 1984.

JUNIOR, Gonçalo. **A Guerra dos Gibis**. Editora Schwarcz, 2004.

MAGALHÃES, Henrique. **O que é fanzine**. Editora Brasiliense, 1993.

MCCLLOUD, Scott. **Desenhando quadrinhos: os segredos das narrativas de quadrinhos, mangás e graphic novels**. São Paulo: Makron Books, 2008.

MCCLLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos: história, criação, desenho, animação, roteiro**. São Paulo: M. Books, 2005.

MOREIRA; PITANGUY, Branca; Jacqueline. **O que é feminismo?** Abril cultural brasiliense, 1981.

MOYA, Álvaro. **História da História em Quadrinhos L & PM**, 1986.

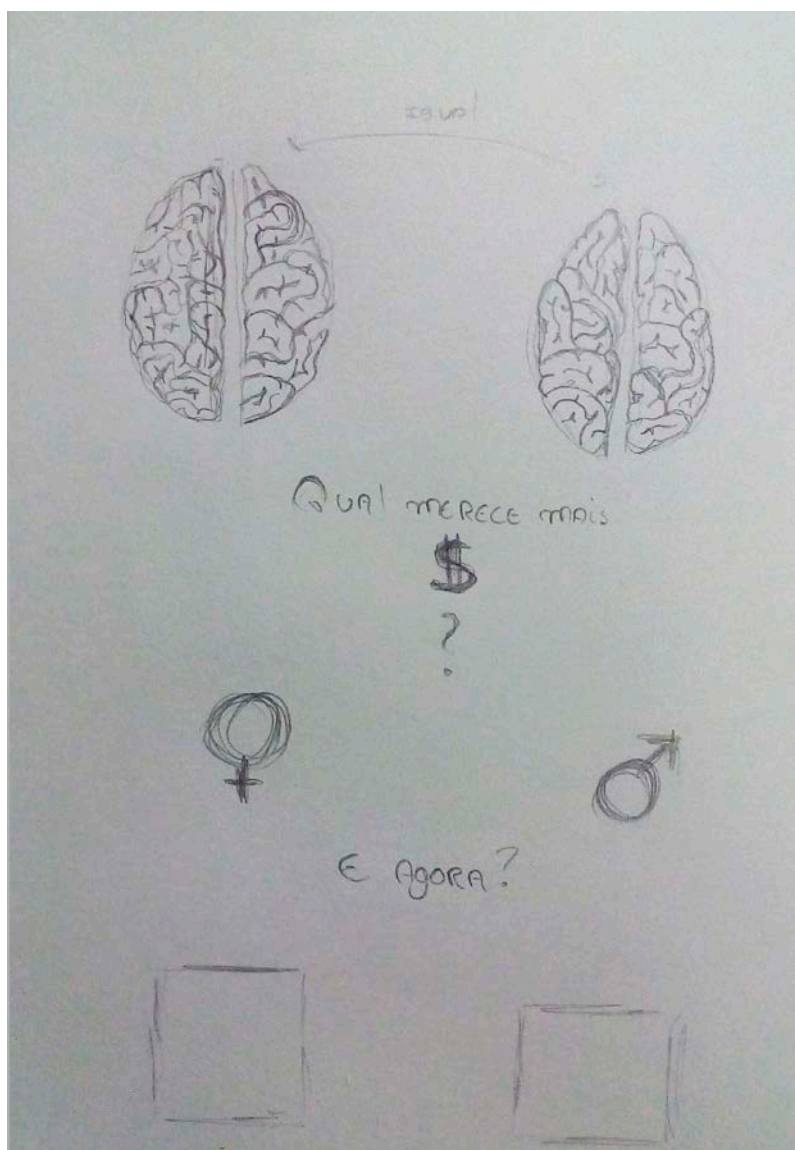
PATEMAN, Carole. **Contrato sexual**. Paz e terra, 1993.

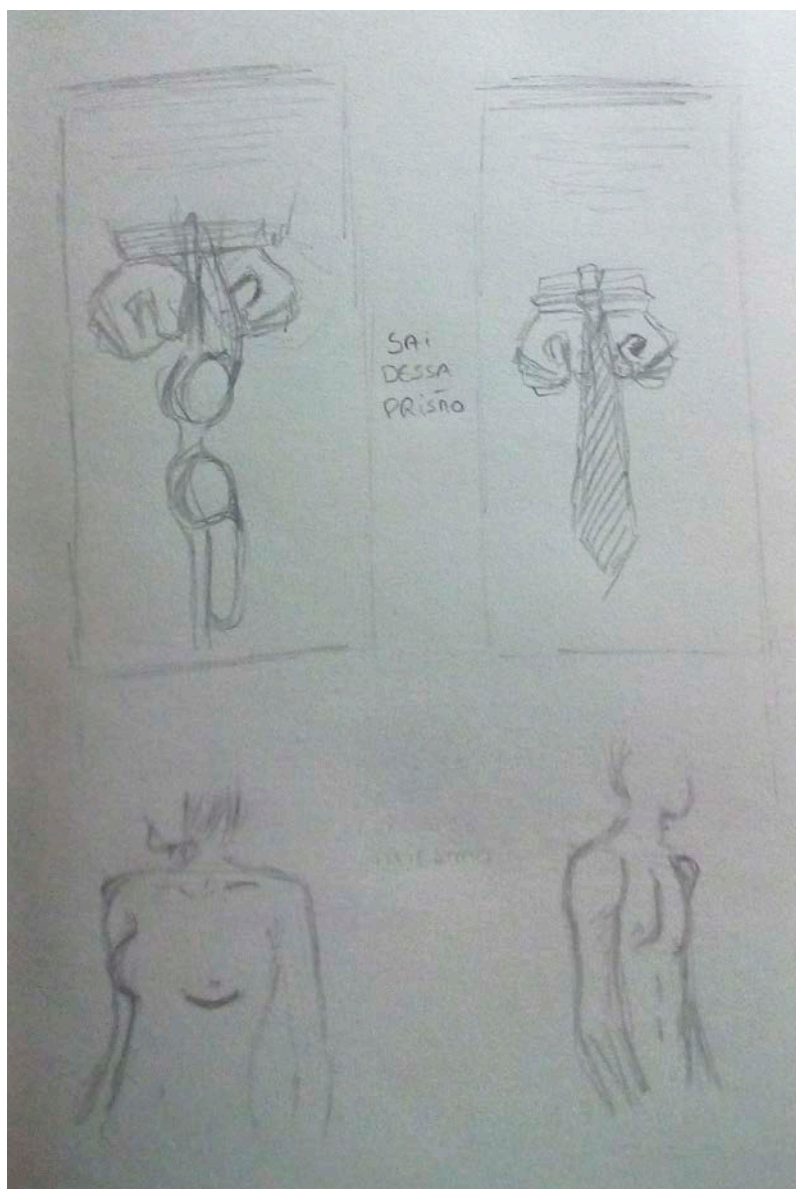
ROUSSEAU, Jean Jacques. Disponível em: <
<https://www.escritas.org/pt/t/16984/toda-a-educacao-da-mulher> >. Acesso em: 20 de set. de 2017.

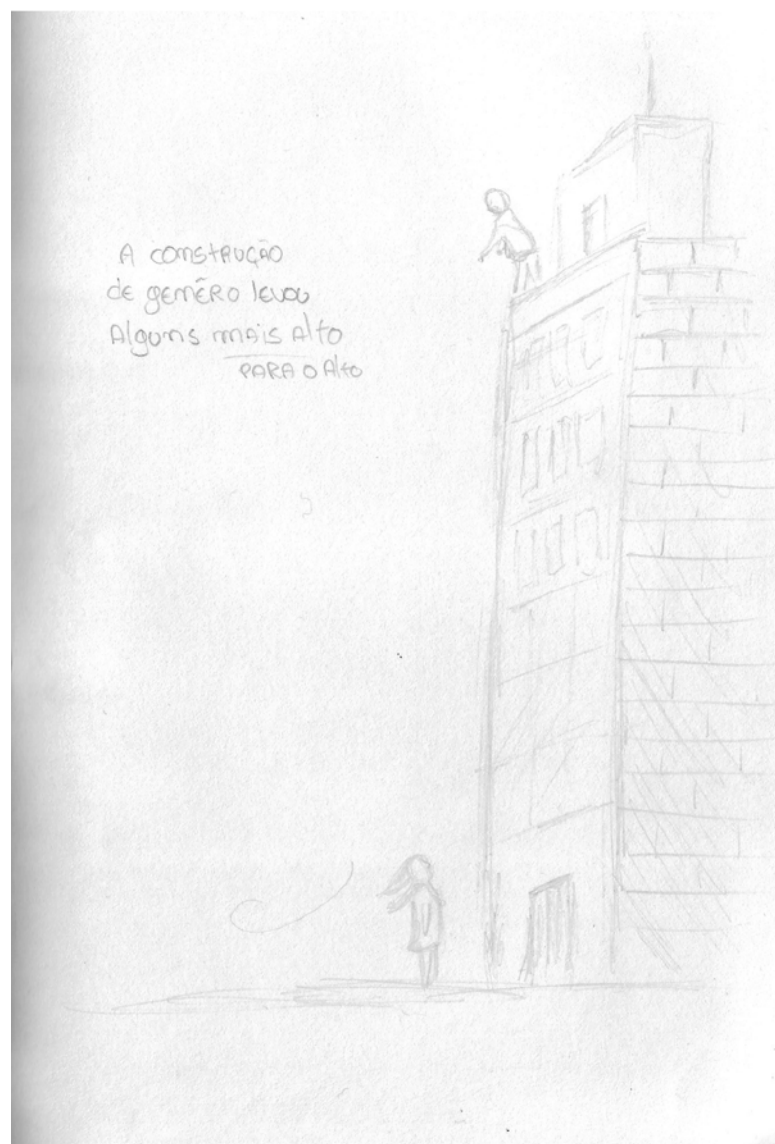
SARRO, Ed Marcos. **Estruturas icônicas nas cartilhas de treinamento quadrinizadas**. 2009. 198f. Dissertação (Mestrado - Área de Concentração: Design e Arquitetura) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo - FAUUSP. 2009.

VENTURI; GODINHO, Gustavo; Tatau. **Mulheres brasileiras e gênero nos espaços públicos e privado**. Fundação Perseu Abramo, 2013.

APENDICE I – RASCUNHOS E COMPOSIÇÃO



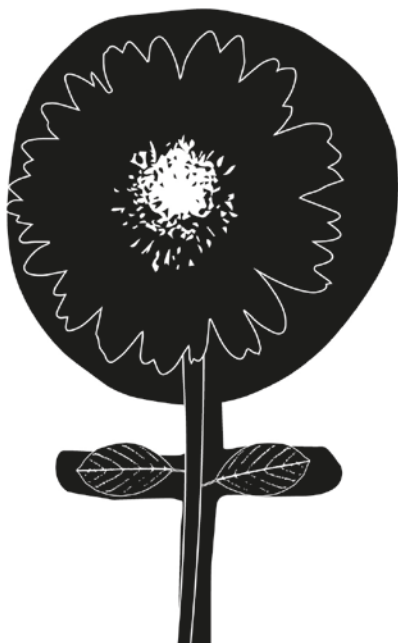




APENDICE II – ARTE FINAL 1X1

FEMINISMO
em QUADRINHOS

FEMINISMO
em QUADRINHOS



Tem uma nuvem que paira sobre nossas cabeças...



⚠ As vezes nem se percebe sua presença

O machismo não deixa de ser uma construção social. Presente nas pequenas coisas, praticado por homens e mulheres, onde está o machismo na sua vida?

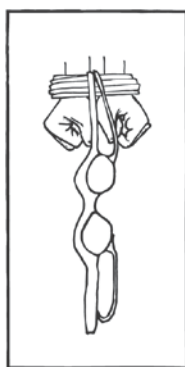
R: _____

O machismo está nas pequenas atitudes.

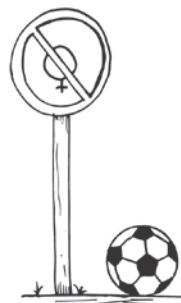
O feminismo não é maligno
 ele existe para que a mulher entenda
 como se inserir em uma sociedade onde
 parece que ela é uma intrusa. Esta zine
 foi criada com o intuito de sensibilizar
 a questão de construção de gênero, na
 qual muitas mulheres se veem presas e
 perdidas, esclarecer que não existe
 certo ou errado e empoderá-las, cada
 um dono das suas escolhas.

Mulheres, o feminismo existe para lhes
 ajudar e ensinar!

Entender que suas escolhas
 não precisam de aprovação
 pública e sim de respeito e
 compreensão.
 E lutar contra forças que
 querem nos limitar e julgar,
 trará um futuro melhor!



Saia
 dessa
 prisão



Não há limites para
 o que se quer fazer



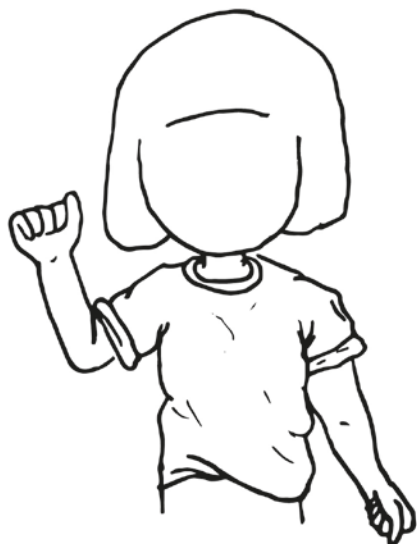
Teu sexo não
 te define



Nem para o que
 se gosta.



Lute por um futuro melhor!!



X X

Nasce com o super poder de lavar a louça

X Y

Nasce com o super poder de não chorar



Quem determina quem você é,
é você mesmo.



Qual vale mais?



E agora?

Seu julgamento não devia ser
baseado no sexo.

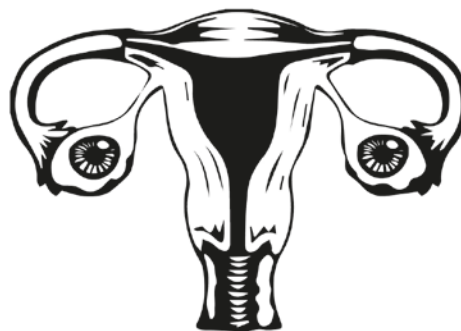
As pessoas não nascem com rótulos



A vida não é uma receita.



Ser mulher vai além da sua biologia



Vai além do que os outros dizem.



Se não apenas limites para as pessoas



Alguns caminhos ou escolhas se tornam mais difíceis se você for uma mulher.